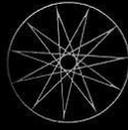


Sitra Ahra



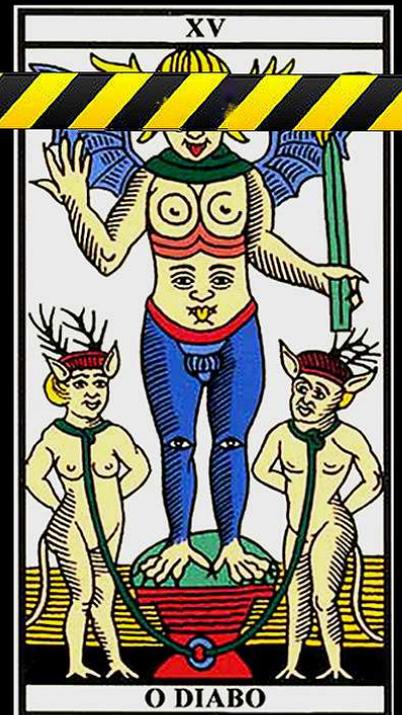
A voz do "obscurus"

Edição #2 Anno Mythi 2012

O
INIMIGO
DO
POVO



PACTO SATÂNICO
DE POETAS?



E MAIS COISAS DO OUTRO LADO:
LÚCIFER e o AVESSO DO VÍCIO
SAMAEL: DÚVIDA E DESCRENÇA
SET, O DEUS DOS VAMPIROS
TÂNATOS
EREMITA, ESFINGE, DEUS E MULETAS
LUA DE SANGUE
ESQUIZOFRENIA LUCIFÉRICA
A VAMPIRA GREGA
A ARTE PRIMAL DE HÉCATE

APOSTE
COM O
DIABO



Sitra Ahra

EXPEDIENTE

Edição, revisão, diagramação e arte
Adriano Camargo Monteiro

Colaboradores nesta edição

Anderson Luciferu
Aristerá
Carlos Raposo
Felipe Galvão
Marcelo Del Debbio
Marie-Hélène Catherine Torres
Morbitvs Vividvs
Nicholaj de Mattos Frisvold
Rafael Bittencourt

Colaboradores do exterior

Alberto Brandi
Brom
Diamanda Galás
Mark Alan Smith
Michelle Belanger

Colaboradores do “outro lado”

Charles Baudelaire
Cruz e Sousa

Distribuição

A mídia caótica chamada internet.

Todas as matérias são
de responsabilidade de
seus respectivos autores.

Sitra Ahra agradece sinceramente
a todos os colaboradores.

Se é permitida a distribuição gratuita?



Contatos imediatos de quarto grau
com o “outro lado”:

[facebook.com/revistasitraahra](https://www.facebook.com/revistasitraahra)

twitter.com/zinesitraahra

geocities.ws/sitraahra



William Blake

Saudações do lado de cá!

Após gestar por um longo tempo, eis que é expelida a segunda edição de *Sitra Ahra*, publicação eletrônica de filosofia oculta, filosofia draconiana, LHP (Caminho da Mão Esquerda) e afins, indo longe e além das correntes da *new age* e do modismo pseudoesotérico e pseudoespiritualista mercenário de massa. *Sitra Ahra* também é isenta de sectarismos, fundamentalismos e esquisoterismos misticoides, primando pela liberdade de expressão, de pensamento e de difusão de conhecimentos “danados”.

Nossos leitores, inteligentes e com discernimento, já conhecem a tônica da revista. Sabem que aqui vão encontrar o “outro lado” das coisas, a “outra versão da história”, o interessante e intrigante lado “oculto”, aquilo sobre o que ninguém talvez queira falar, aquilo que é “proibido”, que causa desgosto ou temor às condicionadas ovelhas de algum “Senhor”.

Em suas 11 matérias, *Sitra Ahra* apresenta temas abordados por diversas mentes, com diferentes ideias, nenhuma mais certa do que outra, nem mais errada, mas apenas visões do “outro lado”. Aqui, nossos colaboradores mostram o seu “lado” do universo, compartilhando conhecimentos embasados pela experiência, observação e estudo.

Cada colaboração é de grande importância e valor para este trabalho e para os leitores realmente interessados em aprender mais e conhecer diferentes lados de diferentes assuntos, podendo, assim, expandir a visão e a consciência.

Portanto, caro leitor, absorva, como um buraco negro, todo o conhecimento “danado” expelido do outro lado que apresentamos nesta edição.

Sitra Ahra

SEÇÕES

UMA VISÃO
DO OUTRO LADO
04

ENTRE “ÁSPERAS”
15

UMA VISÃO
DO OUTRO LADO
31

MALDITAS ALMAS
32

AVESSO DO VÍCIO
43

COISAS DE DANADOS
57

UMA VISÃO
DO OUTRO LADO
59



O QUE HÁ DO OUTRO LADO



05

SEM “DEUS, SEM MULETA?

Eremita, esfinge, Deus e muletas

Carlos Raposo



07

MUITO ANTES DOS VAMPIROS DE PÓ DE ARROZ

Set, o deus dos vampiros

Michelle Belanger



11

A VOZ DO POVO É A VOZ DE NINGUÉM

Satanista: inimigo do povo

Morbitvs Vividvs



16

APRENDA ESSA ARTE DOS INFERNOS

A Arte primal de Hécate

Mark Alan Smith

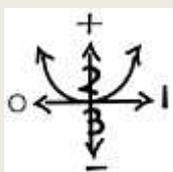


18

LEVANDO VOCÊ PARA O ALÉM...

Tânatos

Marcelo Del Debbio



26

DEIXE A “LOUCURA” CORRER SOLTA

Esquizofrenia luciférica

Rafael Bittencourt



34

PACTO SATÂNICO DE POETAS?

Da teoria satânica

Marie-Hélène Catherine Torres



38

“MENTIRAS” E DÚVIDAS ENVENENAM? NÃO DUVIDE

Samael: dúvida e descrença

Alberto Brandi



44

APOSTE COM O DIABO. NÃO FUJA

O Diabo sábio

Nicholaj de Mattos Frisvold



48

A PRATA E O OURO VERMELHO DA “BESTA”

Lua de sangue

Aristerá



54

CUIDADO! OS CRETINOS SERÃO EMPALADOS!

A vampira grega

Diamanda Galás



Autumn 1. Brom
bromart.com

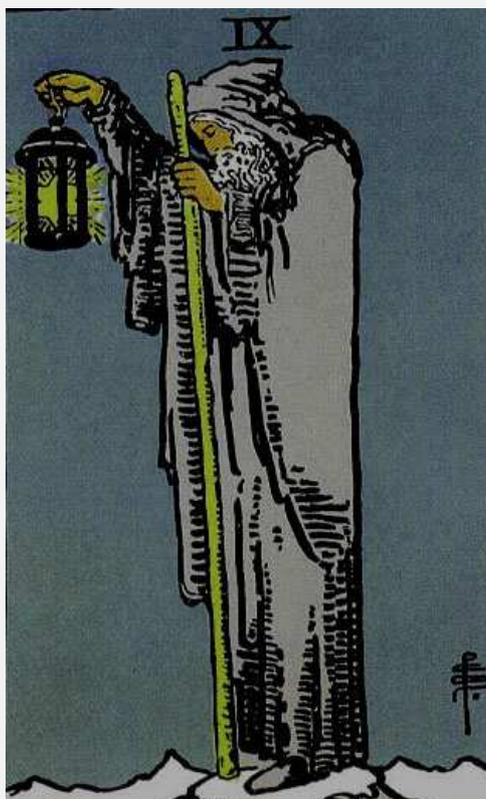
SEM “DEUS”, SEM MULETA?

Eremita, esfinge, Deus e muletas

Carlos Raposo

Algumas pessoas afirmam que a ideia da existência de uma inteligência suprema, Deus, não passa de uma muleta. Eu até que concordo. Também creio que Deus seja uma grande muleta, necessária para dar conforto a muitos, sobretudo em momentos críticos da vida. Contudo, certamente que existem perspectivas diversas dessa.

Falar em muleta faz duas determinadas imagens despontarem em meu pensamento. Primeiro, trata-se daquela ilustração representativa do Arcano IX, *O Eremita*: sua figura traz em uma das mãos uma espécie de arrimo, bengala ou muleta. Depois, o assunto também me remete ao já muito especulado enigma da esfinge, hoje transformado



O Eremita do Tarô

em mera charada a ser proposta nas rodas infantis. Relembrando-o, havia a seguinte questão lançada pelo monstro grego: qual é o animal que, pela manhã, caminha com quatro pernas; ao meio-dia, usa duas; porém, quando do crepúsculo vespertino, passa então a caminhar com três pernas?

O enigma, segundo a lenda que lhe deu origem, consumiu muitas almas. Todas elas, mesmo que ávidas por solucioná-lo, não foram sábias o suficiente para decifrar o tão fadado mistério, falha essa que as levou a sucumbirem perante a esfinge. Isso, até que Édipo, o trágico herói, finalmente entendesse a parábola: “‘O Homem’ é a resposta”, disse. Ele engatinha quando criança, caminha normalmente com duas pernas quando adulto e, quando de sua velhice, faz uso de um bastão, a muleta, caminhando com três pernas. Buscando algum significado noutros símbolos, chega-se até mesmo ao que nos dizem os números 4, 2 e 3. Assim, outras interpretações do enigma (por vezes pejorativas, mas às

vezes agradáveis) têm lugar. Numa delas, vemos o número 4 associado à matéria, uma representação das paixões, da imaturidade. Isso é refletido pela citada lenda como o conceito de “criança”, ou mesmo da juventude, significando um estado inicial de vida, seu amanhecer. Seguindo pela mesma via interpretativa, o número 2 desponta como o vigor das decisões, a escolha entre fazer as coisas de um modo ou de outro, a vitalidade varonil. Sua representação é a “décima casa” (no dizer astrológico), o meio-dia, o zênite da vida e o auge da vitalidade solar. Na lenda, é o ser maduro, representado pelo caminhar seguro feito com duas pernas, emblema do ser racional e lógico, sempre medido a partir de dicotomias, como o “certo” e o “errado”, a direita e a esquerda, por exemplo. Por sua vez, frequentemente o número 3 aparece como um ícone relacionado ao equilíbrio. Na resposta da charada da esfinge, esse número estará relacionado ao entardecer, à chegada da velhice, quando o homem, então na condição de Sábio, põe-se a caminhar em três pernas, fazendo uso de uma muleta ou cajado, como muitos preferirão dizer. Desse modo, o número 3 aqui também desponta como representante das coisas ditas espirituais.

Por fim, retorno à afirmação: “Deus é uma muleta”. Às vezes, por certo que a muleta pode existir. No entanto, em outro sentido – como na imagem d’*O Eremita* e como no enigma proposto pela esfinge – ela seria a consequência de um determinado “estado de sabedoria”. Em outras palavras, pontos de vista que diferem: muleta como sinal de fraqueza ou muleta como sinal de sabedoria. Não sei ao certo com qual deles estarei identificado quando estiver velho, embora tenha uma predileção pelo segundo momento.

De todo modo, imaginemos um velho bem debilitado, cujo apoio único seja a sua surrada muleta: quem seria a pessoa a privá-lo de seu sustento?

S

Carlos Raposo é historiador, pesquisador e maçom (MI e grau 33 do REAA).
carlosraposo.wordpress.com

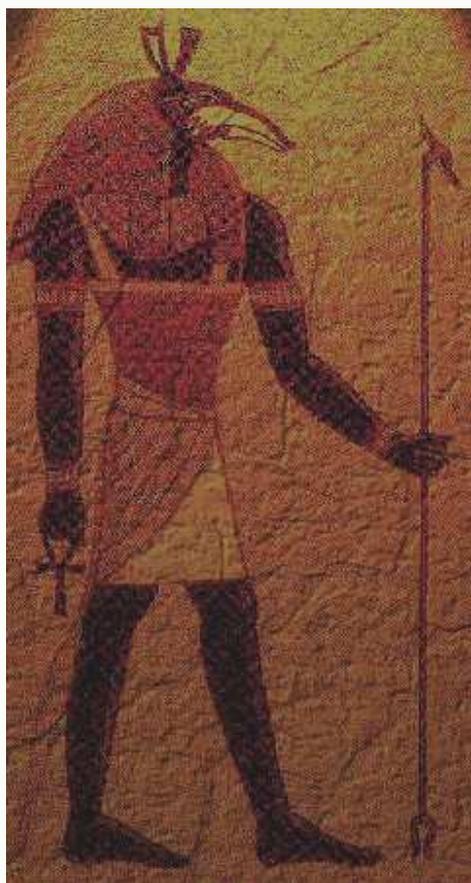


MUITO ANTES DOS VAMPIROS DE PÓ DE ARROZ

Set, o deus dos vampiros

Michelle Belanger

Tradução: Adriano C. Monteiro



Set.

Muitos grupos buscam situar as origens do vampirismo na antiguidade do Egito. Mesmo o uso do *ankh* – um símbolo inerentemente egípcio – para representar o “tipo” vampiro, parece implicar alguma conexão egípcia.

O que segue aqui são meus comentários e uma nova versão de uma das muitas histórias da origem do vampiro relacionadas ao Egito.

Detratores dessas histórias se referem a Anne Rice, sugerindo que os contos de Akasha e seu consorte têm influenciado fortemente as crenças da cena vampírica atual. Certamente, houve alguma influência do trabalho de Rice nas poucas décadas passadas. Entretanto, muitos dos grupos que colocam sua origem no Egito ou em uma sociedade

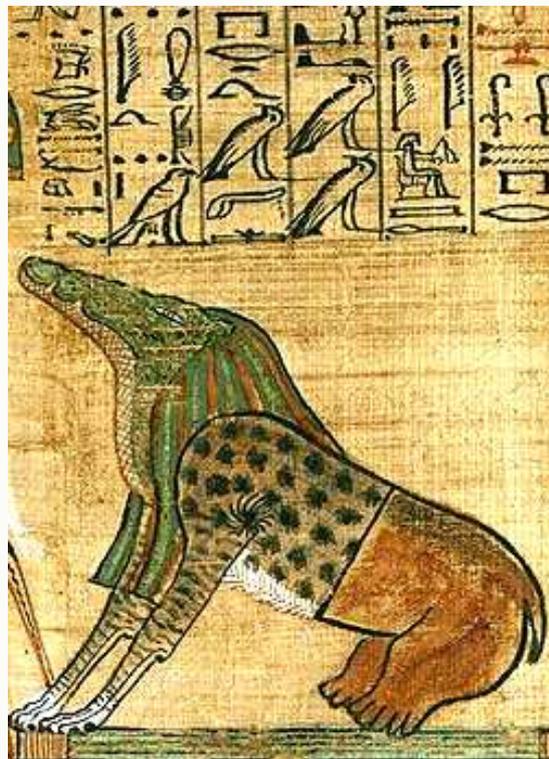
pré-egípcia pretendem pré-datar as novelas da autora. Minha ideia é que Anne Rice teve um papel em pelo menos algumas interpretações de suas origens nesses grupos. Contudo, a mitologia do Antigo Egito é terreno fértil para os mitos do vampiro, e, portanto, há uma probabilidade de que muitas interpretações desses grupos tenham se desenvolvido independentemente da escritora.

O *Livro egípcio dos mortos*, um extenso documento que de fato é uma coleção de muitos textos menores, incluindo os *Textos da pirâmide*¹ e os *Textos dos sarcófagos*², fornece amplo material para as crenças em alguma

¹ NT: Textos mágico-“religiosos” que datam de cerca de 4500 anos atrás.

² NT: Textos funerários.

forma de imortalidade, assim como em seres poderosos que se alimentam da vida e bebem sangue humano. Um grupo de entidades demoníacas que atormentam os mortos, no reino crepuscular do pós-vida, conhecidos como Devoradores, são exemplos disso. Os Devoradores, ou Amam³, alimentam-se de várias partes do corpo e do espírito, e dizem que se banqueteiavam especificamente de sangue.



Amam. Papiro de Ani (det.).

Muitos dos grupos que encontrei pretendem ter alguma influência do *Livro dos mortos*. Mas, em vez de focar em seres excessivamente vampíricos como os Amam, esses

grupos focam suas histórias em deidades egípcias específicas. Osíris, um deus moribundo e ressurrecto que foi assassinado por seu irmão Set, é um candidato a se tornar um precursor do vampiro moderno. Mas, talvez como um resultado de seu papel no conto de Anne Rice, ele muitas vezes é evitado pelas reais famílias de vampiros. Muitos grupos, em vez disso, têm seu foco em Set, o deus egípcio do caos e da escuridão, que é o irmão assassino de Osíris. A conexão mítica entre Set e Caim é aparente, e, em algumas tradições, há um evidente cruzamento entre essas duas figuras.

O mais amplamente conhecido grupo de vampiros que conecta sua origem a Set é o Templo de Set, um ramo vampírico da igreja satanista laveyana, que se desenvolveu em um corpo oculto significativo por direito próprio.

A seguir, uma versão da origem do vampirismo ligada a Set.

Antigamente, Set era visto pelos egípcios como um deus e um grande sacerdote. Isso foi nos dias em que os deuses caminhavam sobre a Terra, e esses “deuses” eram reis-sacerdotes que presidiam nos grandes templos. Set regia o sul, sendo ainda associado a essa direção nos escritos egípcios nos dias de hoje. Ele está ligado ao deserto, às montanhas vermelhas da Terra da Morte. Simultaneamente, ele é um deus da escuridão (Akhekh⁴) e um deus do calor mortal do sol do meio-dia. É um deus de muitas contradições, porque foi também conhecido por causar tempestades, mas, ao mesmo tempo, tinha o poder de acalmá-las – se assim o quisesse.

³ NT: Também chamado de Ammit e Ammut (“O Devorador”).

⁴ NT: Monstro egípcio draco-ofídiano do deserto e da escuridão, mas também do calor implacável do meio-dia, associado ao deus Set.

O templo que Set regia era visto por muitos estrangeiros como um templo sombrio, pois ele foi alguém que desafiou a morte para voltar do outro lado desperto e transformado. Assim, ele talvez tenha sido o primeiro xamã, iniciando toda uma tradição de morte e renascimento. Set trouxe outros para seu sacerdócio secreto, e, conseqüentemente, eles se apossaram do templo. Em tempo, o templo estendeu sua influência através de toda uma sociedade.



Muitos sacerdotes foram iniciados nos Mistérios, e o processo de morte/renascimento os transformou em vampiros. Isso também deu a eles grandes poderes – projeção astral, comunicação com os espíritos, habilidade de influenciar outros com seu carisma e vontade. O aspecto negativo é que sua sensibilidade aumentada com o mundo dos espíritos também os fez sensíveis demais para outras coisas. O calor do sol do meio-dia era um terrível veneno para eles, e eles se tornaram muito sensíveis à luz. Então, o sacerdócio manteve os templos, muitas vezes vivendo em complexos subterrâneos profundos, escuros e frios.

Eles correram para as sombras, detendo grande poder. Sua própria presença se tornou uma coisa sobre a qual era sussurrada, e os mitos surgiram em torno deles. Eles eram os *neteru*⁵, os Vigilantes, que detinham o poder sobre a vida e a morte, cujo hieróglifo era o machado mortífero. Eles foram os misteriosos habitantes de Rosetau⁶, os guardiões dos estágios de Duat⁷.

Os sacerdotes preservaram seu poder sobre a vida e a morte.

Mas, como em todas as coisas, a idade do templo chegou a um fim. Entretanto, apesar de sua força sobre a sociedade ter se enfraquecido, os sacerdotes preservaram seu poder sobre a vida e a morte. E, assim, embora tivessem finalmente se libertado de seus corpos físicos, mantiveram o poder de controlar seu renascimento.

⁵ NT: Atributos divinos tipificados por formas-deuses. Palavra muitas vezes traduzida como “deuses”.

⁶ NT: Rosetau, o planalto de Gizé, no Egito.

⁷ NT: Duat, para os antigos egípcios, era o submundo, o mundo dos mortos, o além, o “outro lado”, chamado também de Tuat e Amenthes, com portais/estágios guardados por seres perigosos.

Por fim, a cultura que conhecemos como Antigo Egito se apoderou da terra sobre a qual Set reinava do sul como um rei-sacerdote sombrio. E muito de seu sacerdócio escolheu renascer nessa antiga sociedade. Eles trouxeram de volta muito de seus conhecimentos e foram lembrados na tradição egípcia como *akhu*, seres imortais da primeva era de ouro do Sep-Tepy, que retornou para ensinar à nova cultura sua sabedoria.

S

Michelle Belanger é ocultista, psíquica, cantora e escritora estudiosa de vampirismo psíquico, vampirologia, paranormalidade e ocultismo.
michellebelanger.com



A VOZ DO POVO É A VOZ DE NINGUÉM

Satanista: inimigo do povo

Morbitvs Vividvs

Vós sois contra o povo, ó meus escolhidos!
Livro da Lei (II AL, 25)



“**A** voz do povo é a voz de Deus”.

Se esse adágio popular tem alguma verdade, então o satanista deveria pensar nove vezes antes de concordar com qualquer coisa que o povo fala. Na verdade, esse provérbio faz bastante sentido, uma vez que “povo” é justamente a palavra que usamos para falar de agrupamentos de pessoas sem identidade ou sem qualquer força individual. Povo é o antônimo de indivíduo. E se Satã é o nosso símbolo de força individual, o povo é, por tabela, o Deus que escolhemos combater. Essa não é uma defesa da abolição das regras sociais da boa convivência, até porque a convivência é algo que acontece justamente entre indivíduos.

Mas observe o comportamento de uma pessoa inteligente dentro de um grupo. Ao mesmo tempo que ela desaparece em meio à multidão, passa a ser, por ela, condicionada. A coletividade tem a estranha propriedade de aumentar a autoconfiança de seus membros ao mesmo tempo que lhes tolhe a criatividade e a responsabilidade. Ao ser obliterado em uma sociedade, os vícios do indivíduo se intensificam, ao passo que suas virtudes se diluem. Seus erros são ocultos e seus acertos perdem qualquer relevância; criamos uma política de nivelamento por baixo.

A vontade e as prioridades do grupo ganham, e assim grupos rivais começam a surgir. Por isso, não existe nenhuma classe de pessoas que não



seja detestada por alguma outra classe. Como cantou Marilyn Manson, em seu *Anticristo Superstar*: “Todo mundo é o negro de alguém”. Mas não é uma questão de cor: favelados, maconheiros, políticos, pagodeiros, crentes, maçons, judeus, vegetarianos, bichas,

nazistas e adoradores de cachorros. Não é possível achar nenhum grupo que não tenha seu próprio “inimigo natural”. Por isso, socialismo significa guerra; capitalismo significa guerra; cristianismo significa guerra. Não porque essas ideologias sejam especialmente beligerantes, mas porque são especialmente populares. As páginas de nossos livros de história são contos de guerra, e cada uma dessas guerras só foi para frente porque indivíduos passaram a agir como multidões.

Citando Aleister Crowley, em *Magick sem lágrimas*: “É peculiarmente notável que quando uma classe é uma minoria governante, ela ganha ainda o desprezo e a agressividade de toda a multidão ao redor. No norte dos Estados Unidos, onde os brancos são a maioria, os negros podem viver na medida do possível como “pessoas normais”. Já no sul, onde o medo é um fator importante, a lei de linchamento prevalece (Deveria? A razão para o “não” é que esta é uma confissão de fraqueza). Mas no norte existe um forte sentimento contra outras classes: irlandeses, italianos e judeus. Por quê? Medo, novamente. Os irlandeses dominam a política; os italianos, o crime organizado; e os judeus, as finanças. Mas nenhuma dessas fobias impede a amizade entre indivíduos das várias classes hostis. [...] E por que as classes deveriam agir como classes? É óbvio: “a união faz a força”. Os quinze piores jogadores de futebol dão um baile em um time adversário composto apenas pelo melhor jogador do mundo.”

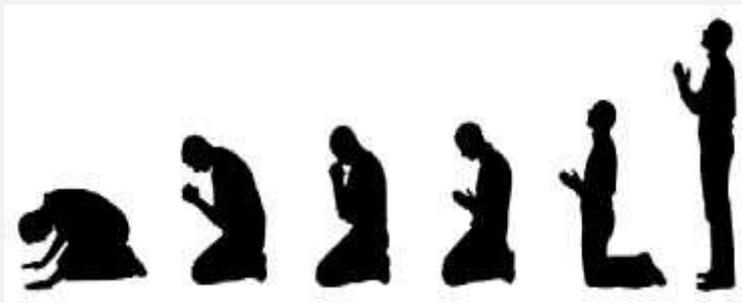
Por isso, os líderes de todos os tempos sempre souberam lidar com seus súditos ou eleitores da maneira certa: tratando-os como gado, e então se colocando como o boiadeiro que sabe o que é melhor para a manada. A partir do momento em que as pessoas se escondem por trás da máscara da coletividade, qualquer apelo à inteligência será fútil. A única forma



de comunicação com as multidões é pelos instintos e pelas qualidades animais. Um bom líder não precisa de bons argumentos, precisa saber rugir como um leão. Escute os discursos de Hitler, por exemplo. Não é

preciso saber uma palavra em alemão para entender como ele encantou toda a Alemanha. Da mesma forma, é mais fácil incitar uma massa a um linchamento do que pedir para que ela analise um fato e tome uma decisão sadia.

Um grupo se torna um organismo e, como tal, acaba obedecendo a algumas regras e leis. Grupos dominantes obviamente explorarão os grupos menores, mas isso não tem a ver



com o tamanho ou força do grupo. Um governo é composto de muito menos pessoas do que a sociedade que ele governa. O clero tem muito menos gente do que o grupo de fiéis. Em uma fazenda antiga, o número de escravos era muito menor do que o de gente que vivia na casa-grande. Tem sido assim desde a aurora do homem.

Mas atualmente vivemos uma época de defesa das minorias, uma época em que quotas e políticas afirmativas tentam amenizar os problemas causados pela coletividade. Mas a voz do povo acaba, como sempre o faz, enfiando os pés pelas mãos; acabam reforçando-os. Isso é o equivalente a dar um pirulito para a criança que acabou de sair do dentista – é tão gentil quanto inútil. Mais do que isso, trata-se de uma atitude danosa, pois reafirma a posição de dominados das classes minoritárias ao mesmo tempo que reforça a ilusão de que elas existem enquanto grupos e não como indivíduos. Pense que você tem um filho que precisa de uma operação séria e descobre que em determinado hospital quem fará a cirurgia acabou de se formar, e, melhor ainda, formou-se não porque tirou boas notas, mas porque conseguiu uma vaga por causa do nosso sistema de cotas. Como ficaria sua confiança no cirurgião?

Os defensores dessa causa farão um considerável bem a si mesmos quando perceberem que dentro de todo grupo explorado existem indivíduos explorados pelo grupo. E não é o indivíduo a menor de todas as minorias? Quem não quiser ser controlado deve garantir a sobrevivência da própria individualidade e negar o direito de existência em seu microcosmo de qualquer rótulo, consciência de classe ou identidade de massas. Há uma diferença sutil, mas poderosa entre dizer que “concorda com as teorias de Marx” e dizer ser um “marxista”; entre dizer que torce pelo Corinthians e ser um “corinthiano”; entre dizer que o nazismo tinha pontos positivos e ser um “nazista”; você pode ouvir *heavy metal* sem ser um “metaleiro”. Rótulos passam a ilusão de estabilidade, mas qualquer grupo de ideias que não passa constantemente pelo crivo do questionamento é uma grande ofensa ao nosso Eu Superior e uma enorme barreira contra a Verdadeira Vontade. O satanista é, portanto, o grande inimigo do povo. Ele sabe que existe uma diferença entre 200 macacos que dormem juntos para se aque-



cer e um único macaco que sabe fazer fogo. De fato, a união faz a força, mas uma força que não tem um objetivo além da própria sobrevivência; é como a força do vento: poderosa, talvez invencível, mas implorando para ser aproveitada por quem sabe velejar. Crowley não estava errado quando afirmou que os servos servirão, mas não porque algumas pessoas têm uma natureza escrava e sim porque todo

grupo precisa ser direcionado. E isso apenas pode ocorrer com um indivíduo no controle. Mas onde está o indivíduo dentro de um grupo? Essa grande ironia é tratada com o humor que merece pelo lema original da Church of Satan: “It’s an organization for non-joiners”.

Claro que vivemos em um mundo em que o povo é astucioso. A propaganda é a arma do negócio, e uma das grandes artimanhas da atualidade é mostrar que não importa o tamanho do grupo que você faça parte, você ainda pode gastar como indivíduo. Assim, cada propaganda é feita para mostrar que, mesmo que você seja apenas mais um dentre um milhão, você é único, desde que consuma o que vendem para o grupo de que você faz parte. Dessa forma, para ser “jovem” você deve consumir as músicas X e beber o refrigerante Y; para ser um homem “bem-sucedido”, deve dirigir o carro X e vestir a roupa Y.

Assim, mesmo que o título de “satanista” possa ser visto apenas como mais um rótulo, ele é a melhor forma de se desvincular de outras imagens que podem ser capitalizadas em prol do Grande Todo. O satanismo é a melhor forma que encontrei para descrever essa posição, mas, por favor, não se prenda à minha semântica pessoal. A partir do momento em que suas definições começam a feder a certeza, elas merecem ser jogadas no lixo da vala comum da ignorância. O satanista é o inimigo público número 1; é o inimigo do povo, pois o povo quer que ele sacrifique sua vida individual no altar da coletividade e assuma para si os medos e preconceitos do grupo. Ouça a voz de Deus: ele quer que você morra. Satanistas não pertencem a grupo algum – especialmente não pertencem a grupo algum de satanistas. Se todos os homens se derem as mãos, é como se todos vivessem algemados.

S

Morbitvs Vividvs foi aluno direto de Lord Ahriman, na Igreja de Lúcifer, durante o primeiro levante satânico nacional. Escreveu *Lex satanicus: manual do satanista* e colabora com a iniciativa Morte Súbita Inc.

mortesubita.org



Diabo: (...) dono de todas as coisas boas deste mundo.

Ambrose Bierce

Eu passava muito bem sem Deus, e se usava o seu nome era para designar um vazio que tinha, a meus olhos, o clarão da plenitude.

Simone de Beauvoir

Se a morte fosse um bem, os deuses não seriam imortais.

Safo

Não tenha medo da perfeição, pois você jamais irá atingi-la.

Salvador Dalí

A literatura e a arte devem ser totalmente livres; não podem ser boicotadas por idiossincrasias sociorreligiosas.

Adriano Camargo Monteiro

A palavra "Deus", para mim, é nada mais que a expressão e produto da fraqueza humana.

Albert Einstein



APRENDA ESSA ARTE DOS INFERNOS

A Arte primal de Hécate

Mark Alan Smith

Tradução: Adriano C. Monteiro



A Arte¹ primal encarna a corrente da Rainha do Inferno – o Céu e a Terra. Os ensinamentos internos incorporam os rituais de dedicação e iniciação, evocação de espíritos e auxílio de guias e familiares². Muita ênfase é colocada nas viagens nos planos interiores para o Sabá, que conduzem através dos caminhos do Lado Noturno para a subsequente exploração de passagens exteriores e aquisição de conhecimento e poder que estão dentro e fora desses mundos dimensionais.

A Feitiçaria não deveria tolerar a condição humana do falso ego em seus ensinamentos – um problema que tem se manifestado frequentemente em tantas ordens e grupos organizados, sejam modernos ou históricos. Enquanto o contato humano e a tutoria possam inicialmente ser necessários para guiar e auxiliar o estudante da Arte nos primeiros passos de sua senda, as maiores e mais profundas lições são dadas nos planos interiores; ou, no mínimo, em contato direto por meio da manifestação no plano físico dos “parentes” de Hécate, os Deuses da Feitiçaria.

Todo professor de Feitiçaria deveria saber que estudantes genuínos e dedicados que são guiados a eles pelos espíritos da Arte deveriam sempre transcender, ir além de seu próprio nível de sucesso e capacidades. Por meio de ritos de dedicação e iniciação, a conexão com a corrente primal de Hécate pode ser feita no nível da alma. Esse é o Fogo Mágicko que inflama a semente do sangue-bruxo, liberando um poder que jaz dormente e selado na alma imortal.

¹ NT: Aqui, “arte” significa feitiçaria, artes ocultas.

² NT: Espíritos familiares.

Uma vez que a conexão tenha sido atingida, o poder de Hécate pode ser “puxado”, integrando internamente os novos ensinamentos dessa antiga Arte. Por meio dessa infusão de energia mágicka nas práticas – algumas das quais incluem pedir a aparição dos Deuses da Feitiçaria em manifestação física e a intensa fusão do corpo, mente e espírito com esses seres nos trabalhos de possessão completa –, o elo com a corrente primal de Hécate é forjado e reforçado.



Muitas das maiores lições da antiga Arte, tais como os ritos de magia sexual, são ensinadas pelos próprios deuses-bruxos. Ensinamentos como esses conduzem a uma poderosa sublimação da alma, muitas vezes presidida por

Hécate; seu poder flui inicialmente em sua vibração lunar inferior através do Portal da Lua antes de crescer em sua vibração estelar. Esta é a abertura dos Portais da Senda Draconiana, em que começa uma jornada que levará a alma à transmutação através daqueles mundos do Lado Noturno dos deuses-bruxos. Estes são as crianças de Hécate lideradas por seu filho, irmão e consorte, o deus chifrudo Lúcifer. O contato direto com esses seres traz o poder e a gnose que estão além dos ensinamentos do homem mortal. Esse é o Verdadeiro Caminho de Hécate, que conduz, na alma, a transição e a transmutação espiritual através dos antigos e ocultos portais de volta para o Trono da Sombria Rainha Bruxa.

S

Mark Alan Smith é escritor e praticante de Bruxaria Tradicional dedicado especialmente ao culto da deusa Hécate. Escreveu a coleção *The Trident Trilogy*, que inclui as obras *Queen of Hell*, *The Red King* e *The Scorpion God*.
primalcraft.com



LEVANDO VOCÊ PARA O ALÉM...

Tânatos

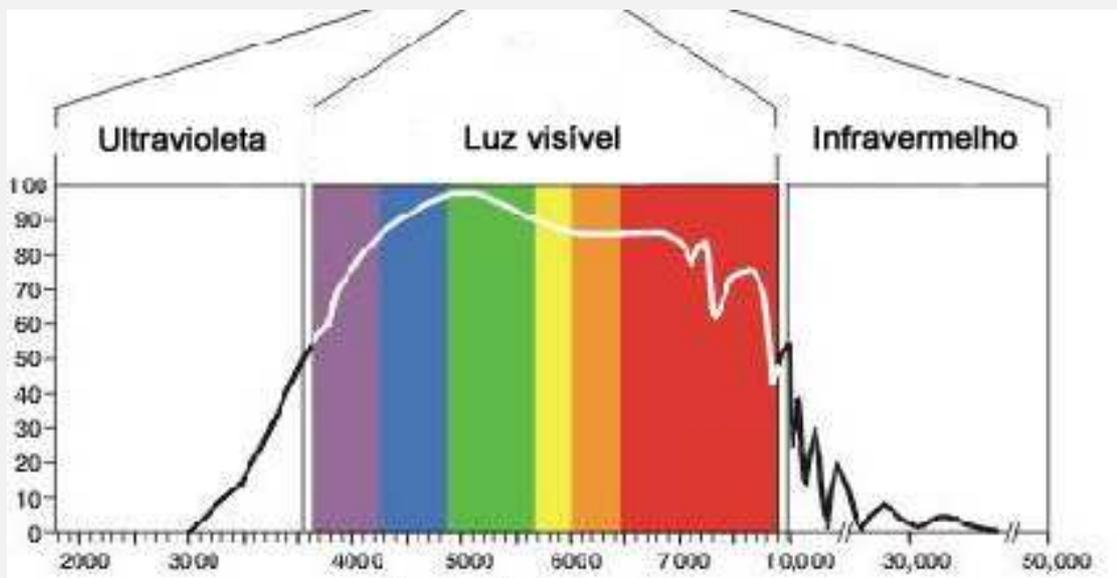
Marcelo Del Debbio



“I see dead people.”

Em todas as mitologias de todos os povos do planeta – sem exceção – existem contos e textos descrevendo o encontro de seres do plano material com seres do plano astral. Chamados pelos profanos de fantasmas, assombrações, espíritos, encostos, *poltergeists*, *kamis*, veneráveis, ancestrais e outros infindáveis nomes, esses seres são pessoas exatamente como nós – apenas estão em outra faixa de vibração, indetectável para a maioria das pessoas. Entendendo esse princípio simples, fica muito fácil explicar todos os fenômenos ditos “paranormais” ou “sobrenaturais”.

Para entender como todo esse processo de diferentes vibrações funciona, vamos fazer uma analogia simples, analisando nossos cinco sentidos: em nossa visão, detectamos uma faixa de vibrações do espectro que vai do vermelho ao violeta. Abaixo dessa faixa, temos o infravermelho e acima, o ultravioleta, cores que existem, mas somos incapazes de detectar. O primeiro aparelho capaz de detectar infravermelho foi construído há menos de dois séculos. Mas, graças às telecomunicações, essa é uma das áreas da ciência ortodoxa em que mais avançamos nas últimas décadas.



Nos sons, temos uma faixa audível para o ser humano, entre 20Hz e 20kHz. Abaixo desse valor, temos infrassons e acima, os ultrassons, que os humanos não são capazes de detectar.

Nos gostos, além dos quatro sabores tradicionais (salgado, doce, azedo e amargo), os cientistas descobriram um quinto sabor, já conhecido há muito tempo pelos orientais com o nome de *umami*. Recentemente, cientistas descobriram que alguns ratos são capazes de sentir um sexto tipo de sabor. Ainda há muito debate sobre isso e os cientistas não chegaram a nenhum acordo, mas sabe-se que existem sabores que não são detectados pelo paladar humano, apenas por alguns animais.

Nos cheiros, existem odores que o ser humano consegue captar e outros não (chamados feromônios). O estudo nessa área ainda está engatinhando e mal se projetam aparelhos capazes de detectar odores para uso prático, como para detectar explosivos, drogas, entre outros. Nos dias de hoje, o melhor aparelho que detecta explosivos continua sendo um cachorro. Ou seja, a ciência ortodoxa não é capaz de detectar com precisão odores ou gostos, quanto mais a matéria sutil como a luz astral e o pensamento.

Finalmente, chegamos ao tato. Sabemos, por meio de Einstein, que a matéria é energia, coisa que os antigos ocultistas conheciam há milênios (apenas usavam palavras diferentes para expressar a mesma ideia). Todos os objetos considerados “sólidos” são, na verdade, grandes vazios eletromagnéticos compostos de cargas positivas e negativas, cujos campos eletromagnéticos os repelem, por estarem no mesmo plano de vibração, causando a sensação de “físico” que temos ao tocar em um objeto “sólido”. Mesmo assim, existem partículas que são tão pequenas que nossos instrumentos não podem pesar, como os neutrinos (e somos bombardeados o tempo todo por milhões deles a cada segundo vindos do Sol).

Os sete corpos. Para os ocultistas, os seres humanos têm sete corpos, a saber: o corpo físico (de carne e osso), o duplo etérico (que tem uma infini-

dade de nomes, de acordo com a tradição estudada: perispírito, campo etérico, corpo vital, biossoma, corpo ódico, corpo bioplasmático, *prânamâyakosha*, veículo de *prana* etc). O duplo etérico faz a ligação entre nossos corpos mais sutis e o nosso corpo físico, adotando a mesma forma de nosso corpo físico. Estudar o duplo etérico é extremamente importante para compreendermos a maioria das lendas a respeito de fantasmas e assombrações.

Depois dele, vem o corpo astral propriamente dito; aquele que se desdobra nas projeções astrais e que permanece ligado ao físico pelo cordão de prata. Os espíritas chamam esse corpo de “alma”; os gregos o chamavam de psique.

O quarto corpo é chamado de corpo mental. Aqueles que supõem que a mente seja o cérebro estão totalmente equivocados. A mente é energética e pode permanecer independente da matéria densa, pois é um corpo à parte, constituído de matéria mental. A mente elabora os pensamentos que se expressam por meio do cérebro. Pensamentos, mente e cérebro são três coisas totalmente distintas. Como Kentaro demonstrou, entre o ato de se desejar um movimento e o movimento do corpo físico efetivamente há um pequeno intervalo de tempo, necessário para se passar a informação da mente para o corpo astral, para o duplo etérico e, finalmente, para o corpo físico. O cientista Benjamin Libet chamou isso de “potencial pré-motor”.



Dessa maneira, a razão converte a mente em um campo de batalha. O processo de racionalização extremada acaba rompendo as delicadas membranas do corpo mental, aprisionando-os no corpo físico. Segundo a filosofia oriental e gnóstica, o pensamento deve fluir silencioso, sereno e integralmente, sem o batalhar das antíteses. O corpo mental pode viajar através do tempo e do espaço, independentemente do cérebro físico. Em um determinado processo do estudo esotérico, o discípulo aprende a se desdobrar em corpo astral. Já em corpo astral, ele aprende a abandonar esse corpo e a ficar no corpo mental. De acordo com a Teosofia, o corpo mental da raça humana se encontra no início de sua evolução, estando quase que completamente desorganizado (chamado de corpo mental lunar).

O corpo causal (ou da vontade) é o quinto corpo e vem a ser o veículo da alma humana. No ser humano comum, esse corpo ainda não está formado, tendo encarnado dentro de si mesmo apenas uma fração da alma humana. Tal fração é denominada “essência”, e, no zen-budismo japonês, *budhata*.

É a Lua dos Alquimistas, a princesa dos contos de fadas, que precisa ser libertada dos castelos do mundo material. Podemos e devemos estabelecer diferenças entre o corpo da vontade de seres humanos comuns e correntes, do tipo lunar, e o corpo da vontade consciente de um Mestre. O legítimo corpo da vontade permite ao adepto realizar ações nascidas da vontade consciente e determinar as circunstâncias. O corpo causal é a tal “força de vontade” que os leigos tanto apregoaram em filmes como *O segredo*. É por meio desse corpo que materializamos nossas “telas mentais” para a realização de desejos.

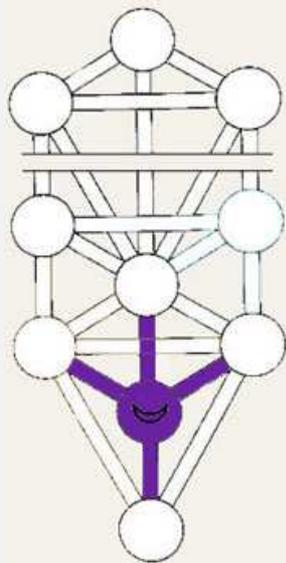
O sexto corpo é chamado de *budhi* ou Alma Divina. É um corpo totalmente radiante que todo ser humano tem, porém ao qual ainda não está intimamente ligado. É Tiferet, na Kabbalah; o “Espírito Crístico”, de Jesus; o deus solar dos antigos; o Sol, do casamento alquímico dos hermetistas; o cavaleiro de armadura brilhante dos contos de fadas. Quando desenvolvido plenamente, faz com que nos tornemos verdadeiramente iluminados.

O sétimo corpo é chamado átmico, *atman* ou atmã. Chamado também de “Deus interno”, o Real Ser, o Íntimo de cada um, o “Eu Sou”. *Atman*, em si mesmo, é o Ser inefável, o que está além do tempo e da eternidade. Não morre nem reencarna; é absolutamente perfeito. *Atman* se desdobra na alma espiritual, que, por sua vez, desdobra-se na alma humana; a alma humana se desdobra na essência, e esta se encarna em seus quatro veículos (corpo físico, etérico, astral e mental), vestindo-se deles.

Isso posto, podemos entender o primeiro deus psicopompo: Tânatos, o Deus dos Mortos. O plano astral é a morada daqueles que ainda não encarnaram, ou que estão em fase intermediária entre duas encarnações. Quando uma pessoa morre (ou “desencarna”, ou “passa para o oriente eterno”, como preferir), ela abandona seu corpo material e permanece no astral com seus seis corpos sutis, na forma em que seu duplo etérico (perispírito) tinha quando faleceu. Nesse ponto de nossa trama, existem muitas histórias e possibilidades. Essas pessoas são chamadas de “espíritos” pelos kardecistas, e são eles que se comunicam na maioria das vezes em sessões mediúnicas. Eles também formam os “encostos”, “assombrações”, “fantasmas” e outros. Após algum tempo no astral, os mortos abandonam seu duplo etérico, que se dissolve, e permanecem apenas com seu corpo astral, que vai para planos de consciência mais sutis, onde recebe outro duplo etérico na ocasião de um novo nascimento. Quanto mais evoluído é o espírito, menos tempo ele passa na forma de seu perispírito.

Cascões astrais. Quando o duplo etérico é abandonado, ele pode resultar em cascões astrais, que são formas vazias com a imagem de alguém que faleceu recentemente. Muitas vezes, esses cascões astrais podem ser habitados temporariamente por elementais (por vezes, as imagens projetadas em centros espíritas não são, na realidade, as pessoas falecidas, mas apenas o cascão astral delas animado por um elemental). Os ocultistas chamam esses seres de *doppelgangers*.

No plano astral, o duplo etérico funciona exatamente como nosso corpo físico, limitado apenas pelo nosso subconsciente. Se uma pessoa acredita que a parede é sólida, então ela se torna sólida para ele. Se é um iniciado e sabe que pode atravessar uma parede, então ele assim o fará (mas, como veremos a seguir, a imensa maioria dos habitantes do astral é tão ignorante quanto suas contrapartes do plano físico). A Vontade (Thelema) é o que realmente comanda nos planos sutis. As pessoas que sabem como Yesod¹ funciona se tornam rapidamente “chefes” das massas ignorantes de espíritos.



Árvore da Vida cabalística

No astral, as pessoas enxergarão aquilo que estiver na mesma frequência de vibração delas; muitas vezes, não saberão sequer que estão mortas. Já tive experiências de resgate em que as pessoas simplesmente não acreditavam que haviam morrido. Uma senhora havia falecido durante o sono e achava que seus netos e filhos apenas não prestavam mais atenção a ela... Alguns animais (gatos, especialmente) são capazes de sentir essas vibrações. Crianças e sensitivos também enxergam dentro de algumas faixas do astral. O nome que se dá para as pessoas que têm essas faculdades é o de clarividente (chamados de médiuns-videntes, antigamente), embora existam também clariaudientes (que escutam), olfativos (que sentem cheiros) e táteis (que sentem impressões). Hoje em dia, termos como “videntes” não são muito utilizados, pois acabaram se tornando associados a charlatões e vigaristas. Importante ressaltar que essas faculdades não estão necessariamente conectadas entre si: um médium pode incorporar (usando a psicografia, psicofonia etc.) e não ter clarividência alguma, por exemplo. Problemas de esquizofrenia são frequentes em médiuns ostensivos, que têm a capacidade física da mediunidade. A glândula pineal manda toda essa carga de informações para o hipotálamo, fazendo surgir assim vários problemas. “O médium treinado recebe essas informações pelo lobo pré-frontal, a parte cerebral que lida com a ética humana” (Dr. Sérgio Felipe de Oliveira).

Enxergar o astral exige um misto de habilidade inata e treino. Há pessoas que nascem com esse dom (assim como pessoas nascem daltônicas, ou seja, enxergam menos cores no espectro, outras nascem clarividentes e enxergam uma gama maior de frequências vibratórias), enquanto outras precisam treinar por anos a fio para desenvolver essas faculdades. Existem alguns facilitadores para despertar esses processos. Um deles é o vegetarianismo: limpar o corpo das impurezas energéticas contidas na carne facilita o despertar desses sentidos; não beber, não fumar e manter o corpo sem relações sexuais por alguns dias também vai facilitar o processo (não apenas disso, mas de projeções astrais também).

¹NE: Esfera cabalística da Árvore da Vida associada à Lua.

Fantasmas, vampiros e aparições. Antigamente, as pessoas se alimentavam de comidas mais limpas, sem toxinas, agrotóxicos, venenos, sabores artificiais e conservantes químicos e tinham mais propensão ao contato mediúnico. A explicação ridícula que se ouve é que as pessoas de antigamente eram mais burras ou supersticiosas, ou esquizofrênicas, por isso acreditavam em fantasmas. Como já foi demonstrado e provado inúmeras vezes, a maioria dos casos de “loucura” nada mais é do que mediunidade exacerbada somada à ignorância cética. Os astrólogos de antigamente chamavam a casa 12 no mapa astral de “Casa dos Loucos”, porque constatavam que a grande maioria dos internos dos institutos de psiquiatria tinham muitos planetas no signo de Peixes nessa casa.

No campo, onde a alimentação e o ar eram mais saudáveis, esses efeitos de contato entre o material e o astral eram mais frequentes, e algumas pessoas conseguiam enxergar os espíritos obsessores agindo. Desses contatos surgiram as lendas dos vampiros, lobisomens e bruxas voadoras.

Vamos explicar algumas das características dos vampiros de maneira científica:

1) Obsessores são entidades astrais que se conectam à pessoas vivas com o objetivo de sugar fluidos sutis. Um corpo astral não é capaz de fumar nem de obter prazer a partir da ingestão de nicotina, mas pode se “encostar” em uma pessoa e, através do chacra umeral (um chacra que fica na parte detrás da nuca), absorver as sensações de prazer que o fumante tem quando traga um cigarro. Esse processo de fluidificação é o mesmo usado pelos quimbas (espíritos trevosos) para absorver o sangue de um sacrifício ou a comida de um despacho de macumba. Obsessores também se “alimentam” de sensações: alegria, tristeza, dor, saudade, raiva etc. Boa parte dos casos de depressão nada mais é do que obsessores que incitam essas sensações na pessoa para depois se alimentarem delas. Por precisar estarem literalmente acoplados energeticamente a suas vítimas, os kardecistas os chamaram de “espíritos obsessores”; os espiritualistas os chamam de “espíritos encostados”; e os toscos dos evangélicos adaptaram a expressão para “encostos”. Da posição de “sugar o pescoço”, surgiu a lenda sobre vampiros que mordem o pescoço de suas vítimas.



2) Essas entidades existem apenas no plano astral. Quando um vidente as enxergava diante do espelho, via apenas a criatura, mas não seu reflexo

(pois o espelho reflete apenas o plano material). Disso, vem a lenda sobre os vampiros que não têm reflexo em espelhos.



3) As entidades mais baixas são constituídas de miasmas astrais (restos energéticos que compõem os cascões usados por esses seres para se manifestarem no astral, de maneira semelhante ao duplo etérico), e a luz solar dissolve esses miasmas. Disso, surgiu a lenda sobre vampiros que queimam sob o sol, pois seus cascões astrais são literalmente dissolvidos pela luz solar (você já reparou que pessoas depressivas evitam ao máximo a luz do sol?).

4) Água lustral também afeta o plano astral. Água lustral é feita a partir de sal marinho e água (água do mar também serve). É o motivo pelo qual os orixás recomendam banhos de mar para ajudar em problemas espirituais, além de ser um dos locais mais fortes para despachos. Surfistas, nadadores, mergulhadores e pessoas que trabalham com o mar também concordam com a sensação de limpeza que o mar traz. A Igreja Católica, que tudo copia, também se apoderou da água lustral, só que a chama de “água benta”. Ao utilizar água lustral em nossos rituais, dissolvemos os miasmas astrais. Disso, resultou a lenda sobre vampiros que são afetados por água benta. Ela literalmente corrói a “pele” dos obsessores e cascões astrais. Isso também explica a lenda sobre vampiros que não podem cruzar água corrente.

5) Símbolos religiosos, assim como a baqueta, ou “varinha mágica”, são canalizadores da Vontade (Thelema) do ocultista. Através dele, podemos exercer nossa Vontade e dissolver o miasma dos cascões astrais e forçar a entidade para fora do cascão que está acoplado na pessoa (essa é uma das bases do exorcismo). Já sabendo disso, essas entidades se afastam da presença do mago. Por isso é que se diz nas lendas que “a cruz só funciona com quem acredita nela”. A baqueta, quando atravessada no cascão astral, também dissolve completamente o miasma. Por isso dizem que vampiros têm medo do crucifixo. A baqueta de madeira atravessando o corpo do obsessor também é a origem da “estaca” que mata vampiros.

6) Igrejas e templos (rosacruz, maçônicos, thelemitas) normalmente têm egrégoras e rituais especiais que impedem a presença desse tipo de criatura. Dizemos que o templo “está coberto” contra a presença dessas entidades. Por essa razão, as lendas dizem que demônios, assombrações e vampiros não podem pisar em “solo sagrado”.

7) Obsessores e obsediados mantêm uma relação de harmonia vibratória entre si. Um espírito obsessor só consegue permanecer em um local onde haja uma afinidade emocional ou vibracional, caso contrário eles não serão

capazes de acoplar, ou serão mantidos afastados. Disso, surgiu a lenda sobre vampiros que só podem entrar em um local se forem convidados.

Uma das coisas mais interessantes sobre as lendas dos vampiros é que Bram Stoker, o escritor que imortalizou o Drácula, era membro da *Golden Dawn*, uma ordem iniciática muito conhecida no começo do século XIX. Quando ele colocou essas características em seu romance, ele sabia muito bem sobre o que estava escrevendo.

Mas ainda existem muitas coisas a serem ditas a respeito do plano astral.



Marcelo Del Debbio é escritor, editor, pesquisador de sociedades iniciáticas e de ocultismo.
deldebbio.com.br



DEIXE A “LOUCURA” CORRER SOLTA

Esquizofrenia luciférica

Rafael Bittencourt



Pimeiramente, é possível que algum especialista discorde das minhas apropriações nominativas. A eles, peço desculpas e aproveito para pedir emprestados esses nomes, pois desconheço quais seriam os mais apropriados para o assunto. A todos que leem este artigo, peço que procurem utilidade no conteúdo, independentemente dos termos utilizados.

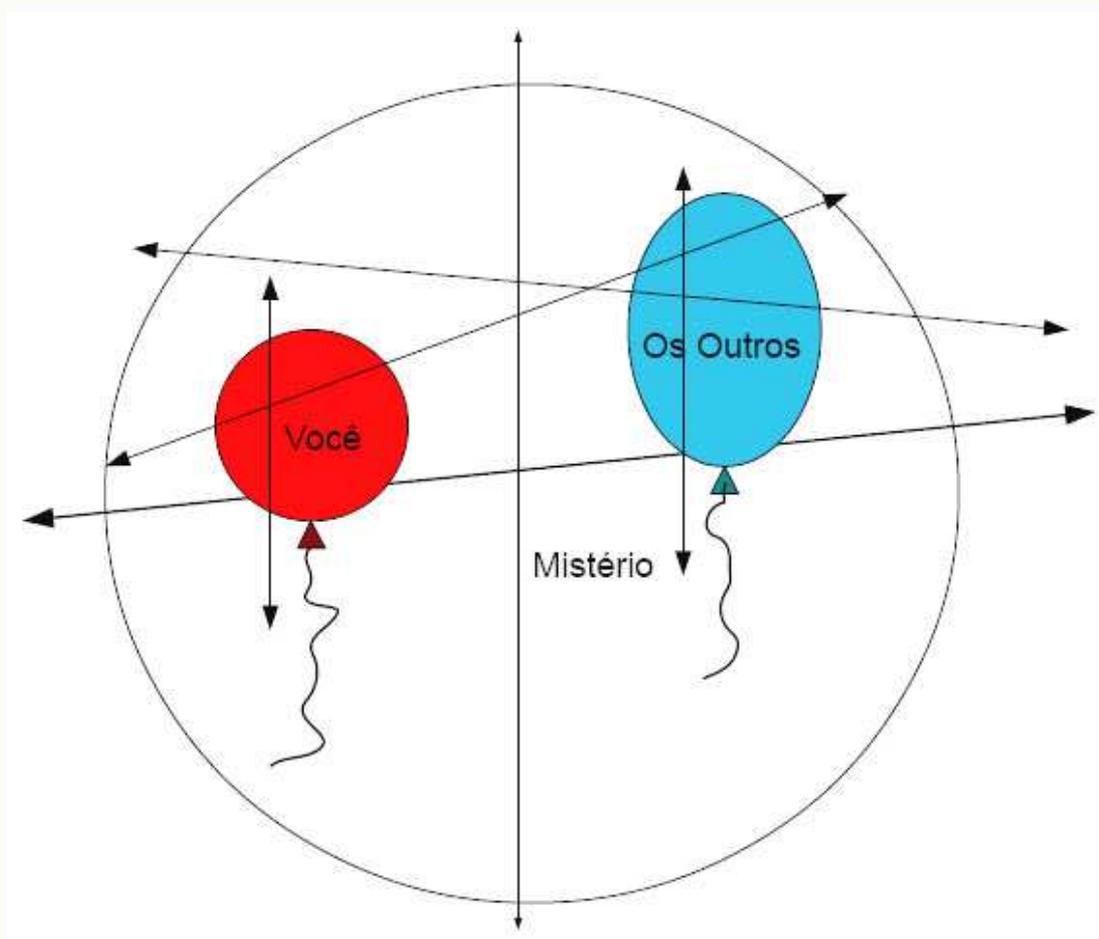
Uso o termo “esquizofrenia” para descrever um fenômeno que me acompanha desde muito cedo – o excesso de criatividade que, por muitas vezes, manifesta-se de maneira descontrolada. Acredito que a mente criativa “superativada” pode gerar sintomas da esquizofrenia patológica como as alucinações auditivas, visuais, a paranoia etc. Sempre gostei de sonhar acordado e nunca tive medo de não encontrar o caminho de volta. Apesar de assustado com as vozes e de ter uma sensação de estar sendo observado, sempre me fascinei com esse aspecto misterioso do meio ambiente ao meu redor. Perceber a realidade com a mente criativa ativada pode ser muito útil para se ampliar a percepção do meio em que estamos e de nós mesmos. Mas sempre é preciso ter cuidado. Nessa esquizofrenia, noto que “soltar a pipa” não incomodará os outros nem me prejudicará socialmente. Manifesto isso com maior intensidade no meio do mato, descalço, mas com menos intensidade entre as pessoas.

Por milhares de anos, uma única palavra descreveu “fé” e “criatividade”. Apenas algumas centenas de anos atrás é que as duas foram divididas. Quando nascemos, as pessoas já atribuíram muitos significados aos vários detalhes da realidade compartilhada. Quando crianças, enquanto percebemos essa realidade à nossa maneira, são trazidas a nós explicações e convenções bastante definitivas sobre o que é a realidade e como devemos percebê-la. Isso gera um conflito entre sua “visão natural” e as convenções sociais que são rapidamente trazidas a você. Os sentidos e a

cognição são os recursos que temos para perceber essa realidade. Ao se criar uma realidade paralela, corremos o risco de não conseguir interagir, comunicar e nos relacionar com os outros, já que a maioria acredita realmente no mundo descrito por aqueles que estavam aqui antes de nascermos. Aos poucos, somos “civilizados”, e a realidade é afunilada numa viciosa e simplista visão maniqueísta. Assim, nossa percepção é limitada e treinada para se adaptar à civilização já instituída. Seus infinitos talentos transformadores começam, então, a ser decegados.

Na medida em que entendemos as interpretações da realidade da maneira que nos é ensinada e explicada, vamos criando um universo criativo com nossas próprias explicações. As fortes conexões entre o universo criativo de um indivíduo e a realidade compartilhada pela humanidade têm proporcionado soluções geniais.

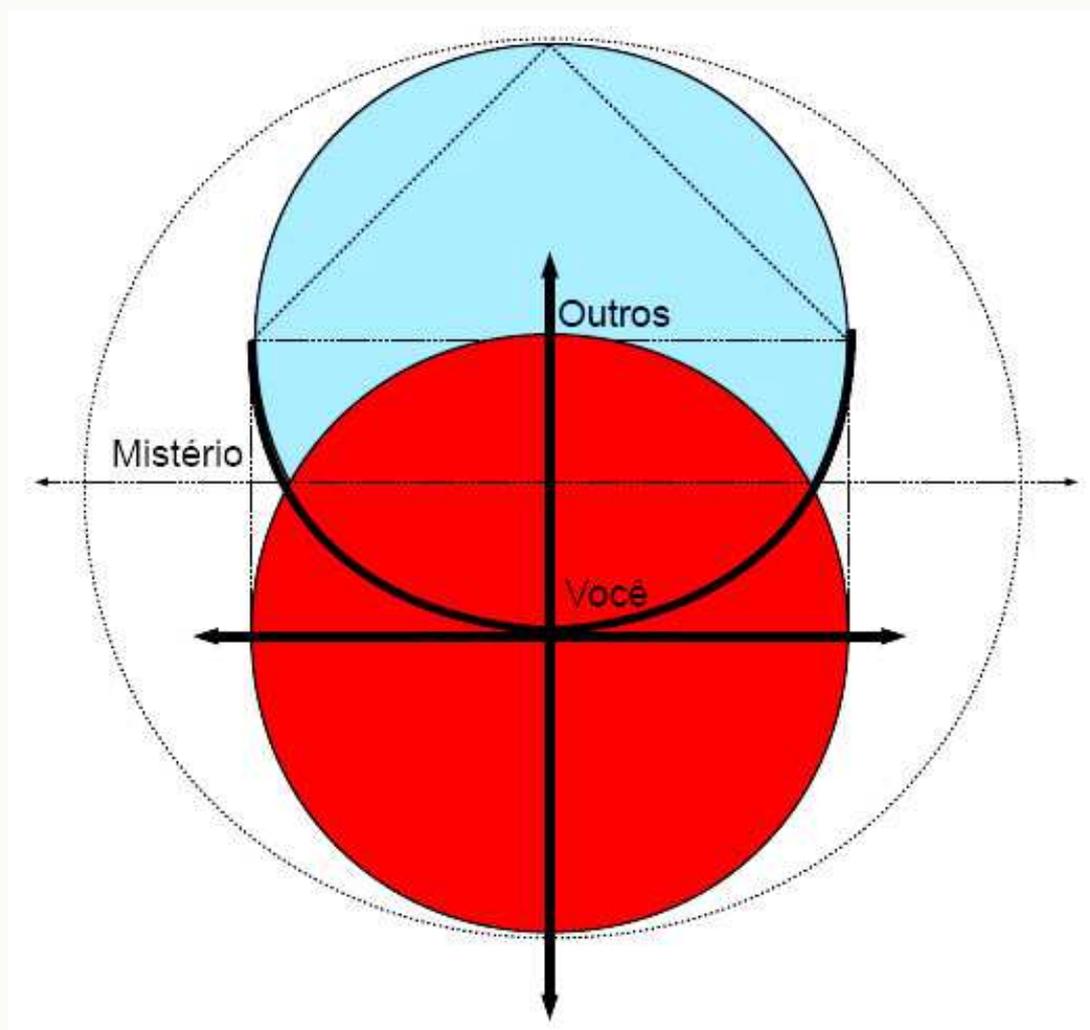
Existem duas maneiras principais para trilhar os caminhos para dentro da mente criativo-transformadora: 1) Como um balão à deriva; 2) Como uma pipa. Ao perceber a realidade no modo “balão à deriva”, a sensação é muito intensa e sedutora.



Modo “balão à deriva”: nesse modo, ou situação, criamos um mundo de significados exclusivamente nosso e negamos os significados que são trazidos para nós através dos “outros” (vários grupos que ajudam a formar nossa impressão e opinião sobre as coisas). Perdemos a conexão com a realidade compartilhada (aquilo que é explicado e aceito por um grupo de pessoas, por exemplo: pais, família, educadores, leis, valores, ciência, religião etc.) e vagamos à deriva. Como consequência, os canais de comunicação começam a ser fechados.

Atribuimos significados singulares para nossa própria existência, mas corremos o risco de esquecer o caminho para o entendimento do mundo convencionado como as outras pessoas “civilizadas” o veem. Nesse caso, você acessa o seu potencial transformador, mas não consegue comunicá-lo aos outros. No modo “pipa”, você “viaja” para dentro da mente sem perder a conexão com a realidade compartilhada com os outros, conhecendo significados teoricamente impossíveis para sua existência e para o mundo ao seu redor e se utilizando de canais extrassensoriais (além dos sentidos básicos).

A grande diferença está no que se busca. No modo “balão”, o vento é o ego, e a procura é por um significado especial para a própria existência. No modo “pipa”, buscamos o fio que nos liga com o mundo físico e seus paradigmas. Esse fio reside na aceitação e na comunicação com este mundo. No início dessa prática, a paranoia predomina e nos faz encontrar conexões e teorias de conspiração. Mas, ao controlar o efeito paranoico desse estado de espírito, encontramos realidades paralelas que complementam e se harmonizam com a realidade instituída sem destruí-la.



Modo “pipa”: Nesse modo, mergulhamos no universo criativo sem perder o fio que nos liga à realidade compartilhada. Comunicamo-nos com os outros, trazendo experiências pessoais e aceitando as experiências alheias. Podemos nos imaginar como sendo uma esfera em constante expansão e contração, em que a energia flui do centro para fora por todas as direções do centro e esbarra, em certo momento, com a periferia da existência dos outros.

O desenho ao lado é uma representação do equilíbrio ideal entre três tipos de força, ou perspectiva:

1. O indivíduo: é a nossa própria perspectiva diante do mundo. É a visão de quem está vivendo ou observando uma situação. O indivíduo percebe os acontecimentos estando inserido neles e os converte em impressões pessoais que passam pelos conceitos, experiências, medos, anseios etc. Recebemos a informação de tudo que vem de fora (os outros) através dos sentidos, então pensamos e agimos dentro dos limites da nossa compreensão.

2. Os outros: o mundo externo e os outros indivíduos. Tudo o que vem de fora e percebemos. Os outros também têm pontos de vista sobre as coisas. A ciência, a religião, os pais, a cultura, a moral e a educação são perspectivas que vêm de fora para serem combinadas à sua, seja pela sua identificação ou pela negação de um conceito ou ponto de vista.

3. O mistério: o mistério engloba tudo, você, os outros e tudo o que desconhecemos.

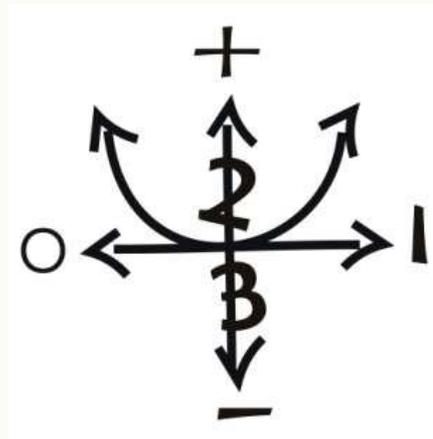
0. O nada: zero é o nada de onde tudo veio e para onde tudo voltará.

O 1 é a representação de cada coisa que existe e também o todo, que engloba cada uma das coisas. O todo também voltará ao nada. Uma energia emana do nada querendo existir e outra nos atrai de volta, querendo desconstruir – essa é a grande dualidade das coisas. Ao chegarmos ao ponto evolutivo em que estamos, percebemos a existência dessas coisas e dos outros. Daí o número 3. Com os números 0, 1, 2, 3 podemos construir e decifrar todos os universos e dimensões. Compartilhamos uma realidade, numa dimensão espaço-tempo. O 2 não é espelhado; nada é igual, nem as duas metades de uma laranja são exatamente iguais. Em uma metade do quadrante está a dualidade simplista e maniqueísta; da outra, a visão tridimensional. A divisão do 2 pelo 3 é 0,666, que é incompreensível, intangível. É a representação do mistério.

O apocalipse é a vinda da nova dimensão, da nova visão, do novo *aeon*. As pessoas negam e temem a chegada dessa nova etapa evolutiva por um instinto de autoproteção contra o novo, o desconhecido. Nossas vidas já estão explicadas antes de nascermos. Não queremos deixar de ser apenas indivíduos que comem e procriam. É doloroso repensar nossa própria existência já rotulada, porque, para isso, teremos que entregar nossos nomes, nossa individualidade, que colocamos sempre acima de todas as outras prioridades. Com a aceitação da nossa “desimportância”, abrimos o canal para nos igualar aos outros e ao mistério. As religiões e a ciência explicam o universo, mas não nos reconectam a ele de fato. Ainda nos separam em grupos e crenças. A nova era é a chegada de ideias incontestáveis e unificadoras; une a física quântica e os livros sagrados. Einstein foi uma grande avatar da razão, amante da vida e da ciência. Estamos nesse momento de transição, em que os valores, conceitos, teorias e crenças estão sendo revistos. É difícil habitar o planeta nesse momento de intensa instabilidade. A pequena bússola me ajuda a visualizar o momento em que estaremos daqui a uns cem anos: um planeta menos supersticioso e místico e mais unido por meio da energia universal.

Não é possível saber ainda a finalidade das manifestações esquizofrênicas; não sei nem mesmo qual a finalidade da existência de coisa alguma. Procuo apenas encontrar uma utilidade nos recursos que tenho disponíveis. Desses recursos, que chamei presunçosamente de manifestações esquizofrênicas, faço o uso que descrevi. Não quero que pareça que funcionará para todos da maneira que funciona para mim, porque o arsenal de recursos que cada um tem é diferente.

Essas manifestações esquizofrênicas luciféricas e o luciferianismo, na minha concepção, propõem uma desconstrução de paradigmas através do desenvolvimento de canais extrassensoriais. As consequências desse tipo de pensamento são mais importantes, a meu ver, do que o nome e sua origem histórica. O que valorizo nisso são os benefícios que essa visão pode trazer



Símbolo "bússola".

para a humanidade e para o universo. A psicologia se utiliza dessa técnica há um século e já obteve bons resultados. Esse mesmo caminho recebe outros nomes em outras culturas e religiões. Acho importante para a civilização o abandono do medo, que é um mecanismo de defesa natural; nada de errado com a existência dele. Mas, da maneira institucionalizada como é apresentada, o medo desarmoniza a vida na sociedade em grande escala. É muito interessante trilhar um caminho que leva ao controle dos nossos medos por meio de arquétipos que comumente, e erroneamente, personificam esses medos. Para mim, tem funcionado utilizar esses signos para a desconstrução dos meus medos. Não sei se o mesmo caminho funcionará para todos; as pessoas se igualam ou se diferem no que buscam e não no caminho que percorrem. Essa lógica é mais importante do que o nome que se dá.

Entre esta realidade e as outras existem encruzilhadas que facilitam os acessos. A capacidade de abstração dos nomes e personificações facilita a chegada a esses acessos, e interpretações muito literais sobre os caminhos dificultam. Aconselho que todos busquem um caminho para a derrubada de seus medos da maneira que acharem melhor.

S

Rafael Bittencourt é músico, compositor, guitarrista, vocalista, letrista e fundador da banda Angra e do Bittencourt Project.

angra.net

rafaelbittencourt.com/ptbr/projects





Rompimento do Véu. Felipe Galvão.
realgravuras.com.br

ANJOS REBELADOS

Ó Deus sem piedade,
Ó Deus sem religião e compaixão,
Maldito sejas!
Que Satã, o Vencido por ti,
Vingue todas as Mães, vencendo-te,
Conquistando todo o teu poder,
Triunfando eternamente de ti
Nas masmorras negras do Inferno!

Cruz e Sousa



A GIGANTA

No tempo em que, com a verve que nos espanta
A Natureza concebia o monstro mais fabuloso,
Teria eu gostado de viver com uma jovem giganta,
Como aos pés de uma rainha um gato voluptuoso.

Teria eu gostado de ver seu corpo e alma em botão
E crescer livremente com seus jogos terríveis;
Adivinhar se alguma chama arde em seu coração
Sob as úmidas névoas de seus olhos sensíveis;

Percorrer-lhe à vontade suas formas belas;
Rastejar as encostas de suas grandes pernas,
E, às vezes, no verão, quando o sol tórrido,

Deixa-a estendida através da campina,
Dormir languidamente em seu colo mórbido,
Como uma aldeia plácida ao pé de uma colina.

Charles Baudelaire



A DESTRUIÇÃO

Sem cessar, ao meu lado o Demônio se agita;
Nada em torno de mim como um ar impalpável;
Eu o engulo, e nos pulmões ele arde e crepita,
Enchendo-os de um desejo eterno e condenável.

Às vezes, ao saber do amor que a arte inspira,
Toma a forma da mulher que mais eu ame,
E, afeito aos pretextos da mentira,
Acostuma-me os lábios ao filtro infame.

Ele me leva dos olhos de Deus distante,
De fadiga, assim, exausto e ofegante,
Às planícies do Tédio, profundas, desertas,

E atira-me ao olhar cheio de confusão,
Roupas imundas e feridas abertas,
E o aparato sangrento da Destruição!

Charles Baudelaire

SATÃ

Capro e revel¹, com os fabulosos cornos
Na fronte real de rei dos reis vetustos²,
Com bizarros e lúbricos contornos,
Ei-lo Satã dentre os Satãs augustos.

Por verdes e por báquicos³ adornos
Vai c'roado de pâmpanos⁴ venustos
O deus pagão dos Vinhos acres, mornos,
Deus triunfador dos triunfadores justos.

Arcangélico e audaz, nos sóis radiantes,
À púrpura das glórias flamejantes,
Alarga as asas de relevos bravos...

O Sonho agita-lhe a imortal cabeça...
E solta aos sóis e estranha e ondeada e espessa
Canta-lhe a juba dos cabelos flavos⁵ ...

Cruz e Sousa

¹ NE: Rebelde.

² NE: Antigos, muito velhos.

³ NE: Relativo ao deus romano Baco (Dioniso, para os gregos).

⁴ NE: Ramos de videira.

⁵ NE: Louros.



Da teoria satânica

Marie-Hélène Catherine Torres*



Chegando ao fim da viagem simbólico-poética ao mundo infernal de Cruz e Sousa e Baudelaire, tentaremos verificar o fundamento da nossa hipótese, ou seja, a comprovação do fato de que Cruz e Sousa e Baudelaire se basearam em princípios satânicos que participaram do ato da criação, o que nos leva a afirmar a existência de uma teoria satânica subjacente na poesia de ambos, marcando o início da poesia moderna.

[...]

Em primeiro lugar, constata-se a consolidação de um pacto satânico pelo beijo simbólico que une o espírito poético ao espírito satânico. Isso nos leva a concluir que Satã, apreendido como matéria poética e simbolizando o conhecimento e a inspiração interior, é o elo entre o poeta e sua arte, ou em outras palavras, entre o poeta e Deus, ponto culminante da arte. Logo, o ato de criação poética depende inteiramente do pacto satânico.

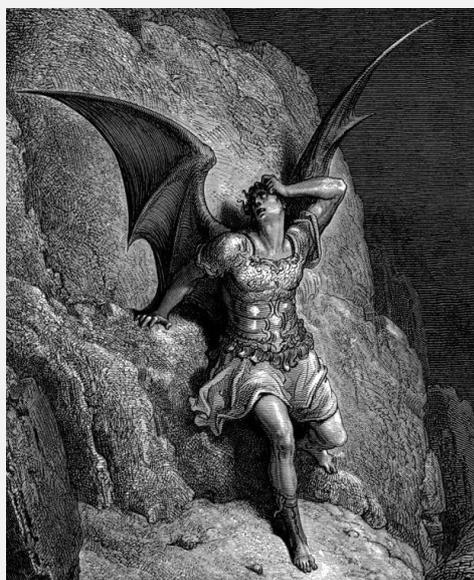
Em segundo lugar, observamos que Satã se metamorfoseia numa figura feminina, o eterno feminino, que denominamos de musa satânica, esta poeticamente simbolizada pela Vênus negra. A influência da Vênus negra é primordial no sentido de que ela provoca o impulso do ato de criação poética. Caracterizada por seu lado carnal, isto é, satânico, a Vênus negra

*Texto cedido gentilmente pela autora, de sua obra *Cruz e Sousa e Baudelaire: satanismo poético*.



inspira o poeta de tal forma que erotiza seus versos. Assim, a erotização da voz poética, que esvazia a palavra para lhe dar novo sentido, representa não só um meio de conhecimento, mas também o centro unificador, fonte de progresso em direção ao divino.

A seguir, distinguimos características inerentes à criação poética de ambos os poetas, ou seja, a presença da morte, da dor e do sofrimento que os fascinaram. É nesse clima de tédio, de morbidez estética e de desgosto que o poeta recebe o impulso do ato de criação, através de sua revolta como ser isolado e mesmo incompreendido.



Depois, notamos a analogia entre o poeta e o ex-anjo da luz, ou seja, a queda no abismo, passagem obrigatória ao poeta iniciado para poder alcançar o divino. Com efeito, o poeta, à procura do novo e do desconhecido, através duma descida interior animada pela sua imaginação, mergulha no medo e na morte – abismo de evasão – que torna a arte acabada.

Em seguida, percebemos que o uso da religião (prece, blasfêmio) é um artifício (*ars + facio*) poético, a religião sendo para o poeta a própria poesia, ou seja, o poeta é devoto ao culto da poesia. Talvez seja oportuno agora, numa tentativa de conceituação, dizer que, para Cruz e Sousa e Baudelaire, a poesia tem como objetivo ela mesma. Ela representa, de fato, o prazer de escrever. Só um poeta com princípios satânicos, assim denominados porque são provocados pela imaginação cuja fluidez criativa se origina no inferno, poderia apreender a questão da religião de tal forma, com tanta liberdade. Na verdade, a premissa segundo a qual o poeta precisa da árvore do Mal que carrega os frutos da Imaginação para criar é pré-requisito a todos os requisitos citados anteriormente, necessários à reconstrução do processo de impulso satânico do ato de criação poética.

Enfim, podemos sintetizar, conforme o que foi abordado neste estudo, a simbologia do Mal. O Mal é, ao mesmo tempo, e isto para Cruz e Sousa e Baudelaire, desejo, erotismo, transgressão do interdito, sedução e tentação, noite e mistério. O Mal é a revolta contra as regras normativas do comportamento social e estético. Cruz e Sousa rebelou-se tantas e tantas vezes contra o “círculo *systematico* das Fórmulas preestabelecidas”,¹ reivindicando:



O que eu quero, o que eu aspiro, tudo por quanto aneio (sic), obedecendo ao *systema* (sic) arterial das Intuições, é a Amplidão livre e luminosa, todo o Infinito, para cantar o meu Sonho, para sonhar, para sentir, para *soffrer* (sic), para vagar, para dormir, para morrer.²

O poeta, segundo Baudelaire, não é um simples mortal! Ele segue leis próprias. Aliás, Baudelaire, revoltando-se contra a censura de algumas peças de *Les fleurs du mal*, estabelece, sem contorno a diferença entre o poeta, o artista e os outros:



A literatura tem uma liberdade que se quer punir de repente em mim. Existem várias morais. Tem a moral positiva e prática à qual todo mundo deve obedecer. Mas também tem a moral das artes. Existem também vários tipos de liberdade. Tem a liberdade para o Gênio, e tem uma liberdade muito restrita para os sapecas.³ (Trad. da autora)

Eis o mal do qual se deliciam os poetas e que transparece nas suas poesias através da figura simbólica do Satã moderno, a cidade e a solidão nos seus diversos significados.



São esses os princípios que sustentam o que chamamos de teoria satânica, entendida como teoria do autoconhecimento, pois “*théoria*, ação de ver e contemplar, nasce de “*théorien*”, contemplar, examinar, observar, meditar”⁴. Poderíamos também

falar de técnica satânica, conforme as palavras de Huxley, em vez de teoria satânica, pois nem uma nem outra têm a pretensão de solucionar tudo. Trata-se apenas de uma escolha, de uma proposta que concerne à poesia de Cruz e Sousa e de Baudelaire que talvez possa se estender, provavelmente com variantes, a outros poetas. O que é importante ressaltar é que a teoria satânica proporciona uma certa sabedoria ao poeta, a do Mal, o Mal sendo humano. Assim, o belo, objeto por excelência da poesia, se transforma, com a teoria satânica subjacente ao ato de criação, em beleza do Mal. Rompendo com a poesia tradicional,

¹ “Emparedado”, *Evocações*. p. 387.

² *Ibidem*. p. 376.

³ *Notes et documents pour mon avocat*. p. 240.

⁴ CHAUI, Marilena. *Janela da alma, espelho do mundo*. In: NOVAES, A. (org.) *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 34.

ambos os poetas iniciaram a poesia moderna que perturba ou choca porque, mesmo emparedados e marginalizados, eles saborearam a liberdade, a liberdade de escolher princípios satânicos, os únicos capazes de divinizar a poesia e de oferecer salvação ao poeta. Dessa forma, graças à descida ao inferno, o poeta se redime e atinge Deus, ideal de perfeição artística. E, com ele, Lúcifer também é redimido, como na obra póstuma de Victor Hugo, graças ao Anjo – Liberdade que obteve de Satã, detentor de poder de libertação humana, a autorização de salvar os homens. Basta citar os últimos versos pronunciados por Deus:

O Arcanjo ressuscita e o demônio acaba,
E apago a noite infame, nada resta
Satã morreu, renasce, ó Lúcifer celeste.⁵ (Trad. da autora)

S

Marie-Hélène Catherine Torres é professora doutora de Língua e Literatura Francesa na UFSC, pesquisadora e autora do livro *Cruz e Sousa e Baudelaire: satanismo poético*.



⁵ HUGO, Victor. *La fin de Satan*. Org. Evelyn Blewer & Jean Gaudon. Paris: Gallimard, 1984. p. 277.

“MENTIRAS” E DÚVIDAS ENVENENAM? NÃO DUVIDE

Samael: dúvida e descrença no Caminho da Mão Esquerda

Alberto Brandi

Tradução: Adriano C. Monteiro

Este artigo trata sobre o processo de duvidar, questionar e desacreditar, um processo que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta poderosa e terrível nas mãos de magistas iniciados que vão pelo Caminho da Mão Esquerda. Esses aspectos do lado escuro do intelecto são, no curso deste artigo, especialmente analisados a partir de uma perspectiva iniciática samaelita. Fazemos a nós mesmos algumas importantes questões com relação a essa esfera¹.

As conclusões aqui apresentadas, ainda que pessoais, podem ser de interesse para todos aqueles praticantes do *vamamarga*² que, em sua busca pelo Diamante ao longo da vida, vão se encontrar presos à perigosa, porém fascinante, teia da dúvida e da descrença.



Por que o iniciado encontra Samael, o Veneno de Deus, a qlipha que questiona Deus e sua criação, em um estágio³ tão inicial? Se o veneno é o que destrói as velhas estruturas e extingue as fronteiras da moralidade, por que não é um objetivo final, mas sim um portal? O que esconde as profundezas do elixir escuro da dúvida e do veneno que estão na taça de Samael? O que é a dúvida? Como podemos definir a natureza do ato de duvidar? Aparentemente, a dúvida não pode subsistir por si mesma e também

¹ NT: Esfera qliphótica (Samael) da Árvore do Conhecimento, ou seja, o outro lado da esfera sephirótica (Hod) da Árvore das Vidas da Cabala, relacionada a Mercúrio.

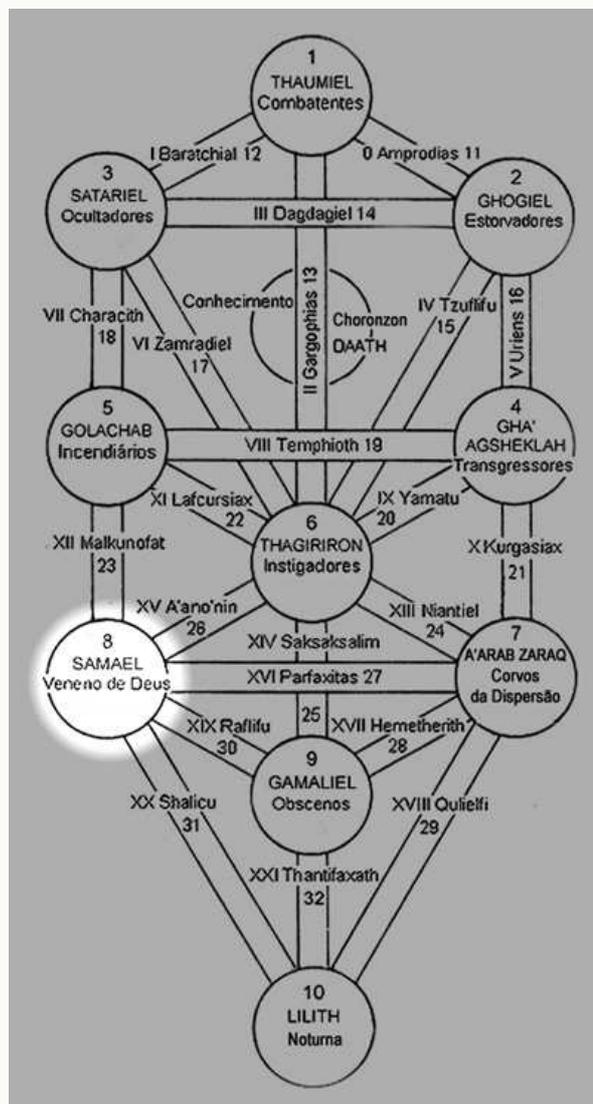
² NT: "Caminho da Mão Esquerda".

³ NT: Esse estágio se refere a um dos níveis da árvore cabalística; Samael está em um nível quase mediano no diagrama da árvore.

não pode se alimentar de sua essência. Para existir, a dúvida deve contar com um objeto, assim como o observador não pode existir sem aquilo que é observado. É por isso que duvidar e questionar tem sido sempre uma das principais ferramentas do Caminho da Mão Esquerda. Satã é o adversário; Set é o oponente de Hórus; Loke é o trapaceiro. Nenhuma dessas forças segue ou obedece a estruturas existentes, mas sim buscam destruí-las, mudá-las e tornar o estático dinâmico.

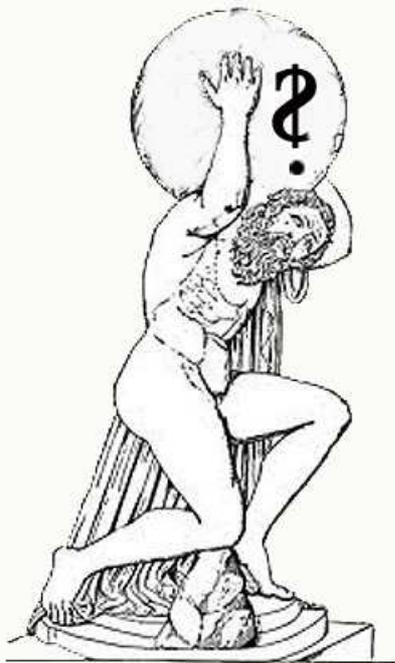
Assim, o magista das sombras pode usar a descrença e a dúvida para eliminar as estruturas existentes das quais ele se alimentou desde seu nascimento. A magia traz consigo a necessidade de fazer cada ação consciente, levando os adeptos a questionar tudo ao seu redor. A dúvida pode, desse modo, ajudar a superar os valores e as superstições da religião e da sociedade materialista e desalmada de hoje, dando ao indivíduo uma maneira alternativa de pensar e agir, longe do materialismo e da espiritualidade monoteísta/dogmática. Sua essência jaz no núcleo dos ensinamentos do *vamamarga*, o esquerdo, o invertido, o jeito “errado” que está fora do caminho ordenado da luz, longe das estruturas ordinárias espirituais e mundanas.

Por outro lado, obviamente, a dúvida sozinha não pode ser a base do caminho mágico; é somente um acessório mágico útil. Porque aí está a principal diferença entre magia e religião: a fé é a aceitação do conhecimento dado por um dogma, ao passo que a magia é o conhecimento que se origina da experiência e da exploração ativa e pessoal dos Mistérios. É aqui que a espada de dois gumes da descrença pode atingir com seu golpe mais forte. Isso especialmente pode acontecer quando o adepto tem eliminado e desconstruído as velhas estruturas com sucesso. O momento em que o magista cruza os portais de Lilith é muito delicado; ele deu um passo além do limiar do mundano, rejeitando o antigo, para abraçar a escuridão, e os escombros das velhas certezas formando a base para novas concepções surgidas da prática mágica e da especulação sobre os Mistérios sombrios.



Árvore do Conhecimento (com as esferas qliphóticas).

É nesse ponto que a dúvida pode agir, funcionando como um ácido: uma vez que a pesada carga da moralidade e da espiritualidade antiquadas tenha sido consumida, as novas “verdades” e estruturas são atacadas e corroídas. O magista pode enfrentar um forte e profundo questionamento das próprias habilidades, da “realidade” da magia – especialmente durante períodos sombrios e na falta normal de resultados –, do foco na longa jornada e na dedicação requerida no Caminho.



O que acontece agora? Esse é o ponto fundamental para toda a magia sombria.

Muitos indivíduos e organizações ficam presos aqui. A dúvida e a descrença podem se tornar o foco principal, o núcleo da própria visão da existência e do cosmos; e quando a dúvida tem se tornado o sistema de crença dominante, ela se transforma em pessimismo metafísico. Muitas organizações mágicas antagônicas ou “sombrias”, predominantemente nos âmbitos satânicos, acabaram caindo nesse tipo de pensamento niilista-duvidoso, em que a ferramenta se tornou a meta e tudo é questionado em seu âmago. Conseqüentemente, a direção da própria organização mudou-se para um

materialismo extremo próximo ao que é estabelecido pela “sociedade mundana”. Nesse nível, não há uma busca real pela alquimia espiritual, mas apenas uma inversão de valores materialistas que se tornaram o foco central das atividades e dos sistemas de crença de tais grupos.

Podemos tentar explicar essa interpretação demente de um jeito antinomiano saudável em um nível filosófico e espiritual. Este que escreve tem notado, no curso dos anos, uma postura peculiar comum a muitos indivíduos e organizações que defendem esse tipo de “materialismo da mão esquerda” ou solipsismo⁴, ou seja, eles parecem jamais ter de fato abandonado aquelas estruturas que alegam combater (cristianismo, moralidade de escravo etc.): muitas vezes, escutamos algo como “destruir a criação de Deus” ou “revoltar-se contra Deus e as hostes celestes, pois o que Deus tem feito por nós?” Este é um elemento comum no pensamento satanista: se Deus nos abandonou, por que então deveríamos segui-lo ou louvá-lo? Melhor revoltar-se e ter indulgência em tudo o que Ele nega (prazer, sexo etc.). Isso soa mais como um apelo doloroso de uma criança abandonada e transtornada do que o hino de guerra orgulhoso de um satanista revolucionário. Além disso, mostra que esse suposto “pensamento

⁴ NT: Conceito filosófico segundo o qual nada existe além do próprio eu, da própria individualidade e sua experiência (sendo as únicas realidades), considerando-se todo o mundo exterior como ilusão.

opositor” é nada mais do que um “pensamento invertido”, apenas uma visão da moralidade comum virada de cabeça para baixo, mas de fato não superada, transgredida ou destruída. Magicamente, o veneno não abriu caminho para o novo, apenas intoxicou o velho.

Se fôssemos ver Maya⁵, Lila⁶, as estruturas da luz mundana como uma cela da qual precisássemos nos libertar, poderíamos considerar o acima mencionado como uma atitude pessimista com relação à dúvida como uma rota de fuga já preexistente, talvez feita até mesmo por nossos carcereiros. É mais fácil quando a encontramos pronta, mas ela conduz para onde o criador da rota tem intenção de nos levar. O adepto do genuíno Caminho da Mão Esquerda, em vez disso, liberta-se cavando o túnel com as próprias mãos, ajudado por outros que estão se libertando com ele e aqueles que fizeram isso no passado.



É um modo mais duro, mais doloroso, um processo longo e difícil, mas que leva para onde o adepto quer ir, e é permanente, porque se consegue entender o processo de se libertar e criar ao mesmo tempo. O veneno da dúvida é, portanto, uma das ferramentas fundamentais do Caminho Draconiano. Não é um limite, mas sim o oposto: uma porta se abrindo para a liberdade metafísica. Lilith⁷ é o portal para novos mundos de beleza e trevas; Gamaliel⁸ é o cálice que contém o veneno; e Samael é o veneno ingerido completamente. E esse veneno não serve apenas para eliminar o antigo que restou do magista, mas principalmente para eliminar as estruturas *dentro* dele: esse é o teste verdadeiro. Quando o adepto se tornou vazio de suas verdades e certezas, como acreditava, seu verdadeiro âmago é exposto. Nessa etapa, o indivíduo, por meio de uma reflexão e prática mágica perseverante, poderá encontrar conceitos e valores que realmente serão importantes para ele. Se a perseverança e o foco profundo não são exercitados adequadamente, alto é o risco da queda, já mencionada, na cova do niilismo e do materialismo, vagando desse modo no mar negro que a incerteza filosófica pode causar.

⁵ NT: “Ilusão”, em sânscrito.

⁶ NT: Do sânscrito, o cosmos como uma “diversão”, um “passatempo”, dos deuses.

⁷ NT: Esfera qliphótica da Árvore do Conhecimento correspondente ao planeta Terra.

⁸ NT: Esfera qliphótica da Árvore do Conhecimento correspondente à Lua.

Uma vez vazio e limpo dos restos podres dos velhos sistemas de crença, o adepto não precisa inverter ou perverter antigos valores: ele tem de recriar a si próprio, e nesse processo ele pode mesmo encontrar de novo todas as crenças e valores que ele tinha anteriormente. Dessa vez, eles serão seus valores recriados na forja draconiana. Esses são agora independentes de dogmas ou fatores impostos e, conseqüentemente, mais fortes e “verdadeiros” em um sentido iniciático e mais profundo do termo. A ética foi eliminada para deixar o magista livre para construir sua própria visão de mundo flexível, sabendo que ela poderia mudar mais adiante no curso da evolução mágica dinâmica.

Samael é a fornalha que testa a integridade mágica do indivíduo: é a preparação para a completa e absoluta aniquilação dos limites da consciência. Esse processo continua mais profundamente em A'Arab Zaraq⁹ – onde os Corvos da Dispersão¹⁰ limpam os ossos do magista –, aprofundando-se ainda mais o nível dessa fase em Thagirion¹¹, completando a experiência do Daimon¹².



Os ensinamentos de Samael mostram ao adepto que a dúvida e a risada são grandes armas, ao mesmo tempo inofensivas; ele ensina que a última fronteira é duvidar da própria dúvida. A única coisa que conta no Caminho Draconiano é a ação – o resto é conversa fiada que se dispersa ao vento.

A palavra “poder” tem sua raiz etimológica no verbo latino *possum*, que não somente demonstra a força para fazer algo, mas também a possibilidade e a potencialidade para atingi-lo. Esse é o segredo da ação mágica e do diamante afiado, para que a Obra da magia possa derrotar a tagarelice da mente consciente.

S

Alberto Brandi é estudioso acadêmico de ocultismo, bruxaria e magia de Mão Esquerda (LHP). É autor da obra *La via oscura: introduzione al sentiero di mano sinistra*.
sothis.dragonrouge.net

⁹ NT: Esfera qliphótica associada ao planeta Vênus, situada após a esfera de Samael, no sentido ascendente, no diagrama da Árvore do Conhecimento.

¹⁰ NT: Significado de “A'Arab Zaraq”.

¹¹ NT: Esfera qliphótica associada ao Sol, situada após a esfera de A'Arab Zaraq, no sentido ascendente, no diagrama da Árvore do Conhecimento.

¹² NT: O Eu Superior, o Gênio individual, antes oculto e desconhecido.

Lúcifer não se orgulha de ter criado coisa alguma segundo sua imagem e semelhança. Imagem é, muitas vezes, um reflexo distorcido do original – é algo defeituoso, imperfeito. E você sabe quem realmente peca por ficar todo envaidecido por ter “criado” algo assim. Lúcifer não quer saber de nada disso, pois há coisas mais importantes e interessantes com o que se ocupar. Lúcifer se orgulha – e muito bem orgulhoso – de sua inteligência, de sua autoconsciência, de sua liberdade de pensamento. Esse **orgulho** pode parecer “pecado” aos olhos de muitos. Esses não sabem que o orgulho pode ser uma dádiva para a autoestima e para o aprimoramento individual. Mas, infelizmente, as marionetes no espelho não enxergam que sua vaidade é exatamente a mesma do “Senhor” que as criou e que as manipula com tanta *vanidade* e arrogância.

Portanto, deixe de tolices e use o orgulho em seu benefício. Vire o vício do avesso.

Adriano Camargo Monteiro

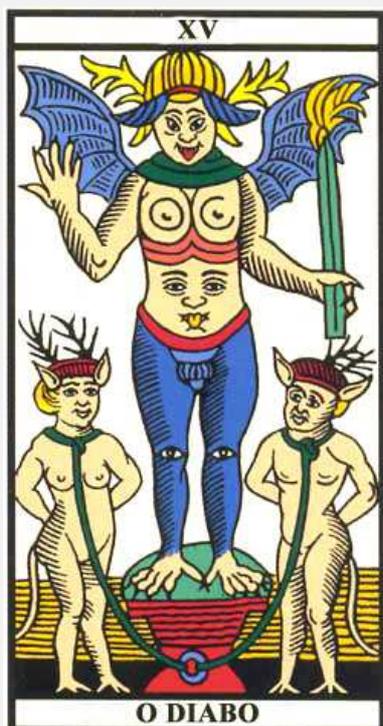


APOSTE COM O DIABO. NÃO FUJA

O Diabo sábio

Nicholaj de Mattos Frisvold

Tradução: Adriano C. Monteiro



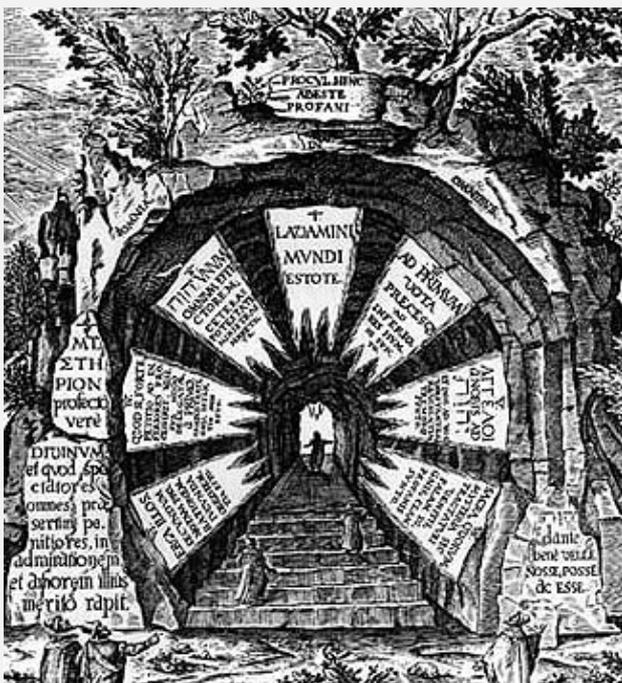
▷ papel do Diabo na bruxaria pode ser um mistério confuso para alguns. Afinal de contas, toda imagem do Diabo está mascarada pelo mal e pela misantropia, e muitas igrejas e denominações cristãs têm dependido dele para apoiar seus evangelhos. Você se volta para Deus porque precisa odiar o mal, traduzido no Diabo. O mal, assim como o pecado, é não compreender, e por isso todas as boas intenções conduzidas por uma mente desalinhada com o coração podem ser um ninho do mal que evoca vibrações negativas para a própria vida e para a de outros.

O Diabo é conhecido por seus chifres e cascos fendidos, cauda pontuda e tridente; é conhecido por muitos nomes e como o arquiteto dos detalhes. Nós o encontramos em encruzilhadas e cavernas, na taberna e na pista, na dança e em cada escolha da vida. Ele é alguém de quem não podemos escapar, porque ele aparecerá em qualquer cruzamento como sendo aquele que desafia você a trilhar o caminho do destino. Seu tridente nos diz que ele tem o conhecimento de todos os três estados, e seus cascos fendidos mostram que ele fica no ponto em que o dia vira noite e que ele tem o conhecimento da díade – que é, muitas vezes, traduzida como “bem e mal”.

Bem conhecido é a expressão “advogado do diabo”, que de fato é uma lembrança dos seus mais antigos papéis. Culturas mesopotâmicas convidavam para os seus julgamentos espíritos escondidos em pele e velados no ar – e os acusadores espirituais eram chamados de “ha-satan”. É daí que encontramos a equivalência entre Satã e o “acusador”, que se tornaram os sinônimos comumente conhecidos, especialmente com a Septuaginta¹, em que o adversário, o Diabo (“diabolos”) e Satã se tornaram

¹ NT: Tradução da bíblia hebraica para o grego, traduzida por 72 rabinos, entre os séculos III e I a.C.

referências para um e outro. Essa força tripla é muito evidente na estória de Jó, em que o Diabo está fazendo claramente o papel de desafiador da fé, autorizado pelo próprio Deus. O *Livro de Jó* é interessante como um discurso sobre o porquê de as coisas ruins acontecerem para as pessoas boas. Mas, nesse âmbito, deveríamos nos focar somente no papel do próprio Diabo como um desafiador divinamente autorizado. Suas outras conotações, tais como Dragão, Belial, Príncipe das Trevas e Senhor do Mundo são epítáfios (sic) melhor abordados de uma perspectiva metafísica, mas deveria ser suficiente questionar como o espírito da oportunidade se relaciona a esses epítáfios (sic), isto é, como aquele que desafia.



Para aqueles de coração sábio isso é uma coisa boa, porque o Diabo é o único que faz sentido no fluxo da vida. Ele está sempre lá no grande plano, atraindo-nos para fora de nossas cavernas de tal modo que possamos ver a glória de estar no fluxo do mundo. Pessoalmente, encontro o Diabo na runa *Peorth*², tanto na encruzilhada da escolha como da oportunidade, nas cavernas e nas raízes de cada planta. É isso que dá a ele uma reputação misantrópica. Ele sabe, ele dá –

mas a escolha não é dele, é sua. Ao contrário de nossos colegas aprendizes, ele não interfere em nossa escolha, não julga.

Na Idade Média, ele ganhou popularidade devido a muitos fatores. Era a época das pragas, da guerra, das revoltas e revoluções, e o Vaticano teve sua época de papas, a maior parte variando em qualidade – sem falar das diferenças entre o clero e os camponeses em termos de qualidade de vida. O Diabo, o acusador superficial, era também o único a levar a culpa. Ele foi culpado pelas más escolhas dos outros, sobre as quais não foram faladas, mas sim projetadas – uma herança que encontramos ainda hoje quando fazemos alguém de bode expiatório e tentamos encontrar culpados em nosso próprio plano de vida mal dirigido.

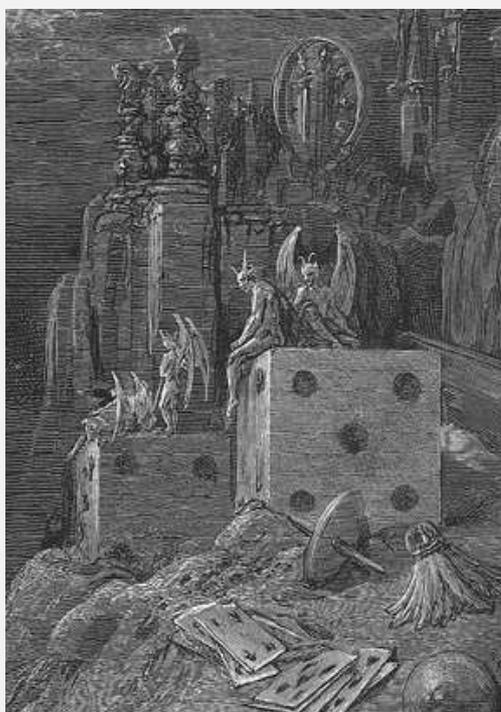
Eu vejo o Diabo como aquela rocha na caverna descansando no mastro do mundo, lá em suas raízes. Ele é água ctônica³, cinzas e brasas que se infiltram e protegem as raízes.

² NT: ǀ Runa que expressa revelação, segredo, conhecimento oculto, bom presságio, sorte, jogos, dependendo do contexto e das outras runas.

³ NT: Da terra, do subterrâneo, do submundo.

Então como isso se encaixa na ideia do “satanismo”? Encontramos aqui várias nuances e níveis, indo do juvenil ao misantrópico para as mais sofisticadas avenidas que apelam para algo parecido com Epicuro. Aqui, encontramos o Diabo entrando em um detalhado jogo de oportunidade e escolha. Acho toda essa conversa sobre poder, força, o que é certo etc., comparados ao poder e à escuridão, um reflexo de um *ethos*⁴ guerreiro, não encontrando base ou ressonância alguma. Posso apreciar as correntes mais hedonistas, pois elas exaltam a vida; e eu exalto a vida. Não vejo como o fato de exaltar a vida pode levar ao ódio por outras formas de vida ou a um desprezo pela posição em que outros buscadores se encontram. Quero dizer, se eu condeno sua escolha de vida com base em minha vida, estou somente forçando um julgamento vindo do mundo da matéria. Essas reprovações são muitas vezes um resultado de eu estar em desequilíbrio e anulando aquilo que desafia o meu desequilíbrio. Com certeza, o Diabo está lá.

E na Arte do Sábio, o Diabo é um companheiro constante como o mestre de dados e de cerimônia. Ele se mostra como a sempre presente luz da memória ancestral e telúrica; ele é a luz que dá voz à natureza, o sangue que corre nas encruzilhadas. Sendo a memória da sabedoria, ele também é o conhecimento – é essa a sua maldição. E entre seus cornos, onde jazem os ciclos de mudanças, encontramos a sabedoria do fluxo e refluxo da vida. O mistério é que o sangue é como o oceano que, das profundezas, flui para as praias; é a onda da vida. Os sábios eram tradicionalmente aqueles que tinham alguma noção dessa corrente, e seu trabalho estava relacionado a esse fluxo de sangue e mudanças.



O Diabo, como o Homem Negro, é o único que porta o bastão da possibilidade e os dados da oportunidade. Sua voz é sentida somente por meio do verbo da natureza e no sopro que acompanha as escolhas. Se ele é um adversário ou um amigo, isso também é uma escolha nossa – feita na encruzilhada. Ele é a sombra dos pensamentos que inspiram decisões, assim como é a força que desafia você para as mudanças, para que você possa encontrar o seu caminho e obter abundância. O Diabo é a pedra e a sujeira em seu caminho, a permanência temporária e a fonte fresca, assim como o veneno e o perigo que você pode encontrar. Como o poder em sua

⁴ Características básicas de um grupo social, com sua cultura, costumes e ética.

raiz, ele também é a fronteira, o limite de sua paisagem e a marca da aceitação ou negação. Ele é tudo isso e muito mais... Ele é o inimigo do homem somente se você fizer essa escolha, porque ele pode ser a brasa ardente em seu coração, que toma forma na intuição, tanto como seu próprio e pior inimigo...



Nicholaj de Mattos Frisvold é psicólogo, antropólogo e estudioso de ocultismo, bruxaria tradicional e matérias correlatas. É autor dos diversos livros *Arts of the night*, *Craft of the untamed*, *Palo Mayombe: the garden of blood and bones*.
starrycave.com



A PRATA E O OURO VERMELHO DA “BESTA”

Lua de sangue

Aristerá



Esprei para escrever este texto durante a TPM e o período menstrual.

Aqui não há intenção de glamourizar a menstruação ou de dizer que as mulheres estão cobertas do direito de se tornarem insuportáveis na TPM, mas sim de esclarecer e tentar elencar um conjunto de fatores que justifiquem ou façam homens e outras mulheres desenvolverem um pensamento prático sobre o assunto.

Na Gnose, Samael Aun Weor¹ fala da importância e das inconveniências do

período menstrual. A tensão pré-menstrual é reconhecida por ele também como um período altamente desgastante, em que a mulher perde nutrientes necessários para o seu desempenho mental. Ao mesmo tempo que ele diz que a mulher perde eletrólitos e sais minerais importantes que podem “prejudicar” seu desempenho mental, ele diz também que não é nada que torne as mulheres menos inteligentes do que os homens. Na verdade, soa como aquela coisa de querer agradecer com uma mão e esbofetear com a outra. Já que a perda de selênio, fosfato e outras substâncias na menstruação é tão insignificante para o desempenho intelectual da mulher, por que entrar no mérito da questão, não é mesmo? Ele ainda detalhou quatro tipos de tensão pré-menstrual. Diz também que a mulher não deve se banhar em demasia nesse período. Entendo o empenho em explicar a situação, mas só sendo mulher mesmo para sentir o que significa um fluxo

¹ WEOR, Samael Aun. *O enigma da mulher*. São Paulo: Agni Sol Nascente, 1999.

interminável vindo de três dias a uma semana (para algumas mulheres). Isso é bem irritante. Não temos como reter esse fluxo como se fosse uma excreção qualquer de nosso corpo, pois não há esfíncteres que possam parar a menstruação. É bem incômodo, acredite; e nos dias de calor, muito pior. Se o senhor Samael tivesse experimentado essa sensação, provavelmente entenderia a nossa necessidade de que seja redobrada a higiene pessoal nesse período. Fora o desconforto do uso de absorventes (muito quentes, normalmente feitos de uma fibra de algodão, plástico e cola), esquecer esse apetrecho indispensável ao sair de casa é a condenação da mulher ao ridículo andar por aí manchada, ou implorar para outra mulher a gentileza de “ceder” um absorvente, em caso de emergência.

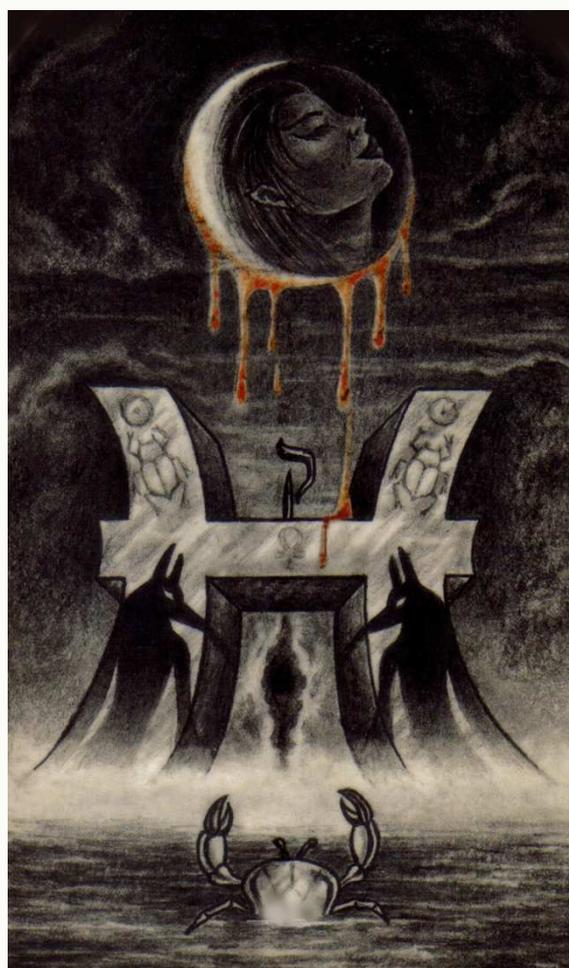


Adriano C. Monteiro

O fluxo menstrual, para os homens que possam saber, não tem a textura de sangue, é bem mais viscoso. Ainda que incômodo, não é sujo e sim muito nutritivo, pois sabemos que é parte do endométrio que se desprende quando não há fecundação do óvulo. No endométrio, o feto acomoda-se e nutre-se durante a gestação, assim como muitas espécies desenvolvem-se nas águas escuras dos mangues antes de alcançar o mar. É um ambiente fértil como o ventre da terra.

Então imagine como é bestial ser fêmea.

A gestação – apesar da parte bela, que é gerar um filho, e do amor maternal manifesto – é um período em que, de certo modo, a mulher é parasitada por outro ser que se alimenta de seu corpo. Comuns são as hipovitaminoses e a falta de outros elementos e nutrientes na gravidez. O magnésio é um dos metais que se perdem em maior quantidade e que é importante para o equilíbrio emocional e alívio do estresse. Daí, talvez, a maior causa fisiológica da irritação na TPM. Mas o magnésio é de fácil reposição. Fala-se, ainda, da deficiência na produção de substâncias, como serotonina e triptofano, que são essenciais para o bem-estar e a disposição. Assim, as mulheres mais depressivas têm predisposição para sentirem-se piores nessa fase.



A Lua, Adriano C. Monteiro

A mulher dá de si para gerar outra vida, e isso é tão altruístico quanto grotesco, pois esse ser não vai devolver à mãe todos os nutrientes que tirou dela. A mãe é consensualmente vampirizada por toda a sua gestação; é como se a mulher fosse um vetor. E essa relação de sangue pode ser vista também entre os insetos hematófagos. Por exemplo, é a fêmea que nos pica para alimentar seus filhotes com sangue; o pernilongo macho se alimenta de néctar de flores e frutas (bem mais apetitoso, não é?).

Há referência sobre a menstruação nos *Eddas*, da mitologia nórdica, sobre Freya cavalgando o mundo em busca de seu amado Ottar², derramando suas lágrimas vermelhas sobre o mar e a terra. Essas lágrimas também foram chamadas de ouro vermelho, o qual faz referência ao *elixir rubeus*. Este também é mencionado em Thelema, em que Babalon é a expressão do feminino primitivo, do impulso e da natureza sexuais. Ela teria um aspecto mais terreno, saturnino, voltado para a fecundidade. A Mulher Escarlata, como também era conhecida, poderia ser perfeitamente as mulheres devotadas à prática de magia sexual, o que não causa nenhum estranhamento aos praticantes do Caminho da Mão Esquerda ou às *suvanīs*³ que praticam o *sahaja maithuna*, no tantrismo. O fato é que a menstruação é um *kala* poderoso, como outros fluidos corpóreos que são utilizados em magia (o que não cabe detalhar aqui).



De uma forma ou de outra, a menstruação não é um rele sangramento ou uma ferida na natureza feminina. Certamente, muitos de nós já fizemos questionamentos sobre o porquê de a menstruação ser tão desagradável. Se não bastasse a perda de sangue, temos sintomas muito incômodos que nos acompanham durante esse período, ou antes. É a TPM (tensão pré-menstrual). Algumas mulheres não têm sintomas desagradáveis na menstruação, mas pelo menos oitenta por cento sentem-se muito mal nesse período ou têm algum desconforto – normalmente, muito

desconforto mesmo, até mesmo de natureza emocional.

Se fôssemos mais afeiçãoadas aos deuses e deusas lunares, às deusas ligadas ao ventre da terra, súcubas e outros tipos de espíritos (os demônios estão ao nosso serviço – nós, da Mão Esquerda, sabemos bem), a coisa poderia ser mais simples ou menos dolorosa. Mas sabemos que a vida não nos espera. Vivemos num mundo pasteurizado, e mal nos percebemos, pois não temos

² Amante e protegido de Freya.

³ Do sânscrito: “dama de cheiro adocicado”, mulher que pratica magia sexual.

mais tempo para sentir o chamado da natureza. O ciclo menstrual está ligado aos ciclos da Lua; não é perfumaria nem ilusionismo. Há certos períodos lunares, os quais conhecemos, em que não nascem os bebês.

Em magia, o norte é o azimute das sombras, onde se encontra a *sephirah* Daath⁴, a qual é considerada um portal para o subconsciente. Durante o período menstrual, quando nos referimos às sombras, estamos também imergindo nossa mente nas implicações da geração da vida e seus mistérios, do ventre da Terra, e também imergindo no comportamento sombrio que acompanha a mulher durante seu período reprodutivo.



Vale dizer que a mulher, em si, é um ser complexo e que temos um humor esporadicamente oscilante, muitas vezes com um comportamento explosivo. Temos uma tendência inexplicável a nos defendermos de outras fêmeas, pois nem sempre somos gentis o suficiente umas com as outras. Essa competitividade animal não tem sido muito agradável nem muito sábia.

Além do instinto de preservação da espécie, a dominação das religiões patriarcais deixou o mundo feminino encerrado em dogmas estúpidos e grilhões. Ainda vivemos num mundo onde mulher critica mulher pela pouca vaidade (que é confundida com pouca feminilidade), critica aquela que não deseja ter filhos e discrimina aquela que opta pela carreira profissional em vez de se dedicar aos afazeres domésticos. Os homens não parecem perder esse tempo inútil criticando uns aos outros. Menos distrações fúteis nos levariam mais longe.



A delicadeza de alma passa longe de criaturas agressivas que somos, com instintos bestiais que não nos diferem das leões nas savanas, se não tomamos o controle de nosso comportamento de grupo. Mulher não é sexo frágil, e quem proferiu essas palavras nunca conheceu uma mulher bem de perto. A forma delicada tem sua função atrativa e adequada a seus instintos de perpetuação da espécie. Podemos até ostentar uma aparência frágil, mas a resistência é uma poderosa e útil autodefesa.

O ato da criação envolve muito mais do que simples cópula e fecundação. Segundo Kenneth Grant⁵, dos portais surgiu a vida, a entrada deu passagem

⁴ Do hebraico: “Conhecimento”. É a esfera cabalística da Árvore do Conhecimento.

⁵ GRANT, Kenneth. *Nightside of Eden*. London: Skoob Books, 1994.

às formas desconhecidas (teratomas tífionianos) através de Choronzon (o Portal do Abismo), rumo ao reino da existência manifesta por meio da Mulher Escarlate e de seu elixir rubro, que nutre a vida quando não é eliminado como menstruação.



O fluxo menstrual, com seu aspecto sanguinolento, brotando do interior do corpo da mulher, era fruto de medo e repulsa para a humanidade até a ciência colocar um fim na superstição e romper com os tabus. Como sabemos, a mulher, pela legislação brasileira, tem uma atenuante ao cometer crimes no período menstrual ou no período que o precede (TPM).

Durante a TPM e a menstruação, você pode presenciar manifestações grosseiras de humor do tipo “que vontade de matar”, nos arroubos de fúria frustrada. É claro que se trata de uma força de expressão em vez de realidade dos fatos, até porque o autocontrole é quesito indispensável em questões de saúde mental. A oscilação de humor nesse período é algo muito ruim de se lidar; depende apenas da disposição da mulher para evitar que o humor explosivo cause grandes estragos.

O universo onírico feminino pode se tornar muito sombrio e também confuso. É possível que demônios lunares nos visitem nesse período (ou quaisquer outros habitantes do baixo plano astral). Os íncubos podem aproveitar a vulnerabilidade do humor e a presença iminente da menstruação como *kala*, que é um



facilitador desses contatos ruins para as mulheres em geral e úteis para as praticantes de magia de Mão Esquerda. Conversando com muitas mulheres sobre seus sonhos, pode-se perceber que as narrativas são similares: traição ou morte do parceiro; brigas furiosas com alguém; ou que ainda têm sonhos com transformações, em que o sonho começa com você conversando com alguém de sua convivência, e essa pessoa se transforma em outra no decorrer do sonho, até mesmo na aparência.

Os sintomas físicos e as oscilações de humor e de apetite são os mais conhecidos. Quando menstruamos, segundo alguns especialistas, perdemos uma quantidade considerável de sais minerais e vitaminas, e uma alimentação pobre desses nutrientes pode agravar o quadro. O estresse diário da mulher de hoje também não é uma boa combinação para a TPM.

As mulheres ganharam o mercado de trabalho, mas não conseguiram ainda se livrar da ordália das tarefas domésticas, desgraçadamente cansativas e enfadonhas. Não é, portanto, permitida a elas sequer a oportunidade de

ficarem cansadas e se regalarem com atividades mais prazerosas e interessantes enquanto um “fio de sangue” incessante que dura alguns dias escorre-lhes as pernas, todo mês, por aproximadamente 35 a 40 anos de sua vida. Mas a mulher do Caminho da Mão Esquerda está ciente de seu papel social e psicomental e sabe quais são suas atribuições nas práticas mágicas nesse período.

A religião patriarcal jamais estenderá a mão a uma mulher na TPM que está furiosa e reclamando de sua sorte, e ainda será hostilizada e tomada por histérica. As escrituras machistas talhadas por misóginos ainda dirão que a mulher nesse período é impura, perniciososa e pecadora, pois à mulher não pode haver outro sentimento que não seja amar e entristecer-se, pois todo o resto não lhe será permitido sentir. É surpreendente que as mulheres ainda consigam unir suas mãos em prece ao deus que as abomina. Além disso, há muitas piadas sobre a TPM que os machos grosseiros gostam de contar; mas raramente eles mantêm o bom humor depois de colher os frutos de suas palavras incautas.



Os arquétipos Lilith, Sekhmet, Hécate, Kali, a Negra etc., mostram bem o que representa ser mulher nesse período, pois elas personificam o lado obscuro do endométrio que recebe a vida e ali contém durante meses. O útero e o endométrio composto de sangue e outras substâncias nutritivas está longe de ser algo impuro ou imundo; só mesmo as religiões e uma legião de pessoas ignorantes acreditam nisso. Não se pode categorizar a menstruação como algo imundo e maldito quando se tem a certeza de que ali na escuridão do mundo, a mulher gera dentro de si a delicadeza da criação.

S

CUIDADO! OS CRETINOS SERÃO EMPALADOS!

A vampira grega. Uma ameaça aos inimigos dos artistas

Diamanda Galás

Tradução: Adriano C. Monteiro



Foto: Kristofer Buckle, 2010

Nos últimos anos, tem chamado a minha atenção o fato de as críticas com relação a muitos de meus colegas serem precedidas pelas palavras: “Embora tenha 45 anos, ele ainda é um artista de peso” ou “Parecendo mais velho do que a última vez em que o vimos, ele ainda convence”. Agora é o momento de dizer as seguintes palavras aos cretinos anêmicos que escrevem esses comentários metidos a virtuosos: “Apeguem-se às resenhas da vida vegetal e deixem as bruxas em paz.”

Verdadeiros artistas, como Liszt, Horowitz¹, Birgit Nilsson², muitas vezes têm uma carreira extremamente longa – e ainda continuará se apresentando depois que sua³ vida seja diminuída por tropeçar na bicicleta de seu filho e ser empalado na árvore de natal de sua esposa.

Um grande artista é um vampiro. Nós treinamos para ser assim; treinamos para entrar no Panteão. É claro que somos punidos por isso, mas não mais pelos deuses, que têm se retirado para sempre em desespero – tão tênue é seu reflexo sobre os humanos que uma vez os desafiaram –, e sim pelas mentes minúsculas de *voyeurs* paralisados que são incapazes de discutir nosso trabalho em qualquer nível, jamais literal, e agora nem figurativo.

¹ NT: Vladimir Samoylovych Horowitz (1903-1989), pianista erudito virtuose ucraniano, conhecido por sua maestria em interpretar Rachmaninoff.

² NT: Märta Birgit Nilsson (1918-2005), cantora soprano sueca, famosa por atuar especialmente em óperas de Richard Wagner, Richard Strauss, Giuseppe Verdi e Giacomo Puccini.

³ NT: A vida dos cretinos anêmicos referidos anteriormente.

Se um artista aparece calvo ou de cabelos brancos no palco, depois de você não tê-lo visto por dez anos, isso não é comentário para uma resenha musical. Citarei Gregory Sandow⁴, que escreveu que se Charlie Parker⁵ se apresentasse somente de cueca ou não, seria irrelevante como ele toca. Liszt, o mestre do piano, apresentava-se com longos cabelos brancos e não menos por sua idade. Vladimir Horowitz, Arthur Rubinstein⁶ e Mary Lou Williams⁷ foram mestres apenas poucos dias antes de morrer. Sonny Rollins⁸ não pode ser condenado ao túmulo, que é habitado por mentes pequenas que espreitam como vermes esperando por carne fresca. E para escapar desses vermes, escolhemos ser cremados.

Você não pode executar os mortais superiores só porque você deseja substituí-los por modelos baratos, não importa o quão rentável isso possa parecer. *The Young Lions*⁹, um grupo de jovens talentosos, foi imposto por Wynton Marsalis¹⁰ sobre seu próprio povo, para excluir inovadores negros que foram seus professores. Mas um dia os “Jovens Leões” ficarão velhos, sem dentes, sem tom, sem uma música para cantar – sem distinção pela inovação. Eles não serão exibidos entre os mestres porque são, e foram, todos imitadores, lutando por um trono na Etiópia, que não os reconhece como cidadãos.

O foco da bruxa está na produção de um novo jogo de palavras, de uma nova virada na música, de uma nova luta, na imolação de uma mentira, se isso for preciso para a criação de uma obra-prima. A grande bruxa Maryanne Amacher¹¹ (1938-2009), que foi derrubada somente por um estranho acidente, tinha a casa cheia até o teto de trabalhos incomparáveis e dormia no chão de cada estúdio para o qual ela foi convidada em todo o mundo – e criou os mais bizarros trabalhos com o passar dos anos.



Self-Portrait: Diamanda Galás

⁴ NT: Crítico musical norte-americano.

⁵ NT: Charles Parker Jr (1920-1955), compositor e saxofonista norte-americano de *jazz*.

⁶ NT: Arthur Rubinstein (1887-1982), pianista polono-americano, famoso especialmente por suas interpretações de Chopin.

⁷ NT: Mary Lou Williams (1910-1981), compositora e pianista de *jazz* norte-americana.

⁸ NT: Theodore Walter Rollins (1930-), saxofonista-tenor norte-americano de *jazz*.

⁹ NT: Movimento musical conservador norte-americano liderado por Wynton Marsalis.

¹⁰ NT: Wynton Learson Marsalis (1961-), compositor e trompetista de *jazz* de Nova Orleans.

¹¹ NT: Maryanne Amacher (1938-2009), compositora norte-americana e artista de instalação multimídia, criadora de ilusões psicoacústicas de formas sonoras.



A vampira sabe que somente sangue novo irá sustentá-la. Sangue novo, novas pesquisas, o estudo de uma nova língua, a desconstrução e reconstrução propositais, novas medidas, novos arranjos, novos escritos, atuações difíceis – que mais tarde se tornam grandes pela perseverança.

Você, que espera pelo tique-taque do relógio para que possa, então, um dia proclamar que um de nós está se aproximando da senilidade, deveria imaginar, em vez disso, a sua própria vida, que está se desvanecendo atrás de você, como um reflexo de suas partes pudendas, desprezíveis, penduradas, como os flancos de um animal amarrado por muito tempo sem alimento, sozinho e sem amor.

Cuidado com a vampira, que é escrava somente de sua imaginação e não de uma nova geração de borboletas de alfinetes¹² que pintam a sua vida¹³. A vampira vê diretamente através de você, seu assassino! Ela sabe que você quer substituí-la, que você não pode esperá-la morrer. Salve o novo César! Citando meu irmão: “Ah! Mas não!”.

Para o gênio, é uma doença que não pode ser encomendada a prestação ou eliminada. Enquanto você está acorrentado à sua cerca, rezo para que um dia um vampiro não se torne muito faminto em seu país¹⁴, agarre seu rabo¹⁵ com os dentes e esfole você vivo.

S

Diamanda Galás é artista greco-americana, compositora, pianista e cantora, tendo lançado seu primeiro álbum de estúdio, *The Litanies of Satan* (“As Litanias de Satã”), em 1982. Entre muitos trabalhos, fez participações na trilha sonora de *Bram Stoker’s Dracula*, de Coppola. diamandagalas.com



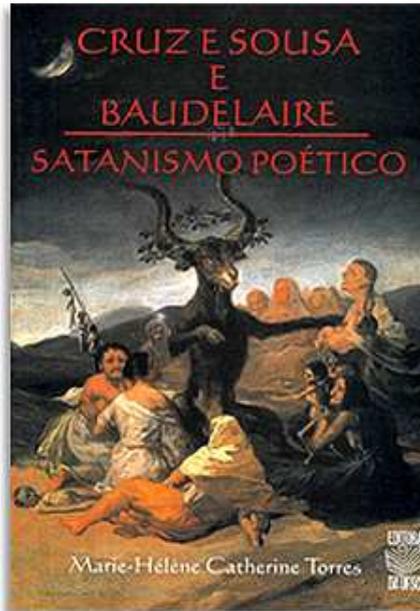
¹² NT: Referência àquelas coloridas borboletas mortas espetadas em alfinetes e expostas em molduras. Aqui, a autora faz uma metáfora para que o leitor reflita.

¹³ NT: A vida daqueles a quem essas “ameaças” são dirigidas, ou seja, aos cretinos anêmicos.

¹⁴ NT: O país dos cretinos anêmicos já referidos.

¹⁵ NT: Aqui também há uma referência aos órgãos genitais.

Livro novo é aquele que você ainda não leu.
Anônimo (você conhece?)



CRUZ E SOUSA E BAUDELAIRE: SATANISMO POÉTICO

Marie-Hélène Catherine Torres

Editora da UFSC

Esta é uma obra sobre satanismo. Sim, mas não o satanismo “convencional” de ordens satanistas que surgiram bem depois desse satanismo literário. Aqui, a essência da expressão satânica em sua forma artístico-simbólico-poética é mostrada nas obras de Cruz e Sousa e Baudelaire, dois autênticos satanistas do “pré-satanismo”. A autora mostra com maestria como os princípios satânicos se tornam a inspiração para criar e para impulsionar a busca pelo conhecimento “proibido”, pelo prazer e pela libertação dos males da existência. Tudo isso transformado em poesia transgressora, excitante e

libertadora que marca o início da poesia (satânica) moderna, antes mesmo do aparecimento de satanistas religiosos modernos. Expressões e ideias filosófico-ocultas de Via Esquerda podem ser identificadas na obra por aqueles que tenham percepção e compreensão.

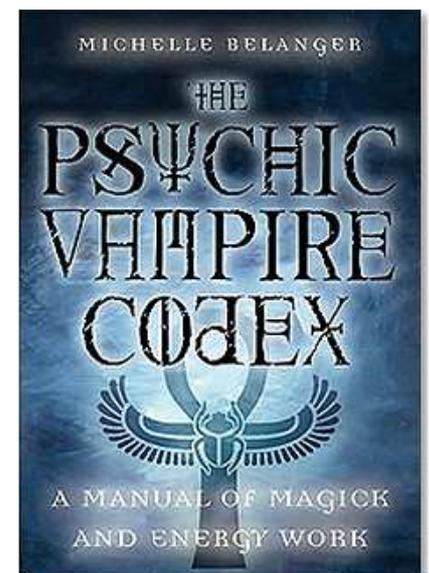
Trabalho interessantíssimo e realmente indispensável. E, melhor ainda, publicado em língua portuguesa.

THE PSYCHIC VAMPIRE CODEX

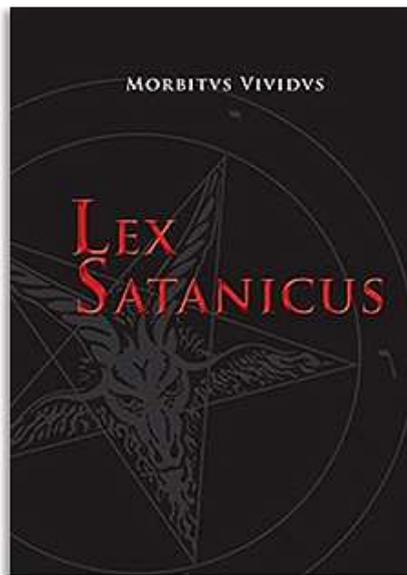
Michelle Belanger

Weiser Books

A autora apresenta um estudo sobre o vampirismo moderno a partir de uma visão vampírica (a dela própria na “condição” de vampira) e busca desfazer preconceitos e desmistificar a imagem do vampiro moderno, procurando demonstrar que existe uma tradição embasada metafísica e espiritualmente. O livro oferece teoria e prática do vampirismo psíquico, com instruções para se alimentar de energia e métodos de defesa psíquica, além de abordar questões éticas sobre tais práticas. A obra traz, ainda, um resumo biográfico da autora como uma vampira psíquica atuante, descrevendo experiências pessoais e sua participação no movimento vampírico moderno.



Se você acha que nasceu com a “condição de vampiro”, este livro pode lhe ensinar como aproveitar isso de maneira consciente e ética, ou não. Mas cuidado! Porque outros também podem se “alimentar” de você...



LEX SATANICUS: MANUAL DO SATANISTA

Morbitvs Vividvs

Clube de Autores

Nesta obra, essencial sobre a matéria, o satanismo é mostrado de um ponto de vista muito pessoal, porém livre de dogmas e de verdades absolutas. Segundo o autor, a obra é o resultado da “transferência do demônio que vive em mim”, pois “o Diabo escreveu por minhas mãos”. A obra é composta de nove partes, subdivididas em capítulos, sendo cada uma dessas partes chamada de “círculo infernal”. Ao longo desses “círculos infernais”, o autor aborda os diversos aspectos da filosofia e prática satanistas, com malícia, certo sarcasmo e, ao mesmo tempo, seriedade e

profundidade. O livro disponibiliza um conhecimento satânico para a vida prática e para o autoaprimoramento. Porém, o autor avisa que se “você concordar com tudo, então você ainda não o entendeu”.

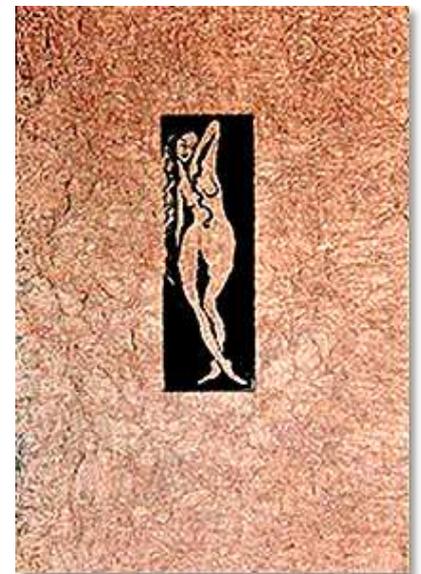
E aí, você é capaz de se aventurar na obra sem se perder no inferno? Ou prefere a monotonia monoteísta do detestável céu?

MANDRAGORA

Ruby Sara (Ed.)

Scarlet Imprint

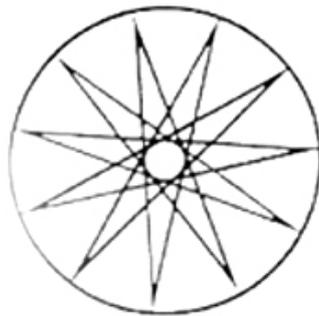
“Obra ctônica e profundamente enraizada”, é predominantemente poética e inspirada pelas artes ocultas, magia, mitologia e filosofia metafísica de Mão Esquerda. Mas, entremeados entre os poemas, há também nove ensaios ocultistas muito interessantes e profundos sobre o transcendental, o insano, o estranho, o mítico e o real, além de abordar aspectos da magia, filosofia e literatura. Entre os autores (as “muitas vozes” *mandragorianas*) dos trabalhos apresentados estão: Adriano Camargo Monteiro, Ruby Sara, Peter Grey, Adrienne J. Odasso, Peter Dubé, José Leitão, Voxx Voltair, entre outros. Nas páginas finais, há um resumo biográfico de cada “voz”. O livro, em si, é uma obra de arte: edição luxuosa com capa dura em tecido acobreado.



Feliz ou infelizmente, a obra já é rara, mesmo tendo sido recém-publicada, com uma tiragem limitadíssima dessa edição no Reino Unido. Sim, não espere que seja traduzida e publicada por aqui, pois isso talvez jamais aconteça.



Malkuth-Lilith. Anderson Luciferu.
corvosdamorte.blogspot.com.br



Impressa na sua impressora, se você quiser.
Ou na impressora do seu serviço.
Ou em qualquer uma.

ADQUIRA TAMBÉM A PRIMEIRA EDIÇÃO DE **SITRA AHRA**

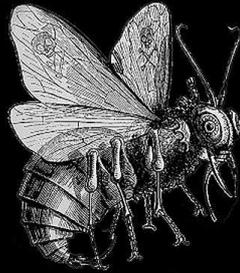
Sitra Ahra

A voz do "ὄβελ σίτυο" do muro

Edição #1 Anno Mythi 11/11



Escuridão Essencial



SERIA BELZEBU
UMA MOSQUINHA
DANADA?



O "SOM DO CAPETA"
PARA A EXPANSÃO
DA CONSCIÊNCIA

Uma
Conversa
Luciferiana

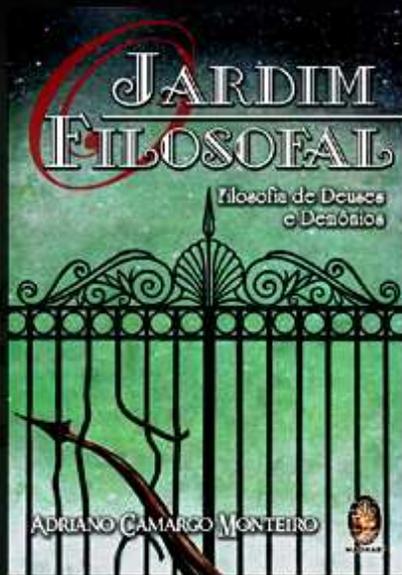


E MAIS COISAS DO OUTRO LADO: O CAMINHO DA MÃO ESQUERDA - TANTRA - MITOLOGIA...

geocities.ws/sitraahra

Tetralogia Draconiana

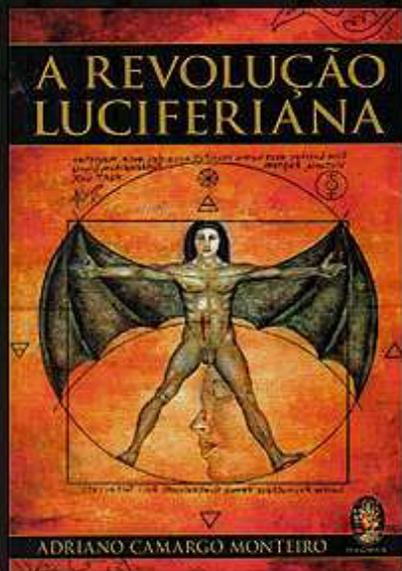
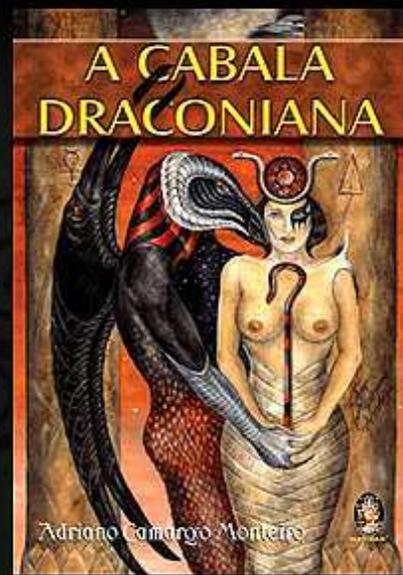
ADRIANO CAMARGO MONTEIRO



FILOSOFIA
OCULTA

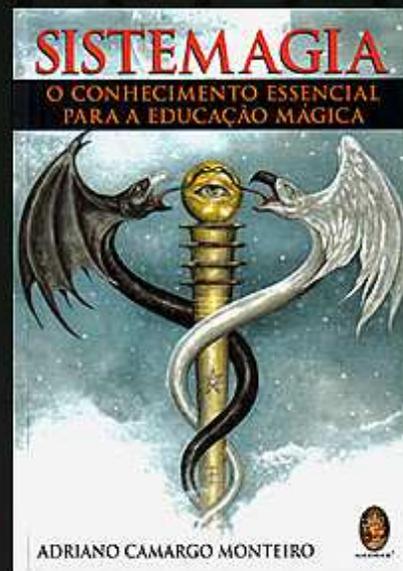
MAGIA

LHP



Coleção única
do gênero
em
língua
portuguesa

**NAS
LIVRARIAS**



geocities.ws/adrianocmonteiro